

# *A criação do mundo*

Organização, introdução e notas de  
António Bárbolo Alves  
(Bolseiro da Fundação para a Ciência e a Tecnologia  
e do Ministério da Educação)

## FICHA TÉCNICA

Título: *A criação do mundo*

© Centro de Estudos António Maria Mourinho e António Bárbolo Alves

Depósito Legal: 274263/08

Edições do Centro de Estudos António Maria Mourinho  
Biblioteca Municipal  
Rue de l Cumbento, s/n  
5210-021 MIRANDA DE L DOURO  
centro.amm@gmail.com  
<http://ceamm.no.sapo.pt>  
<http://tpmirandes.no.sapo.pt>

## 1. Versões existentes no Centro de Estudos António Maria Mourinho

No Centro de Estudos António Maria Mourinho (CEAMM) existe um único exemplar, dactilografado e encadernado, com sessenta e oito páginas. Segundo se pode ler na primeira página, pertenceu a “Manuel Ferreira Fernandes, 1º Comissário da PSP, aposentado, natural de Urrós (Mogadouro)” e residente do Porto. A cópia foi oferecida ao Dr. Mourinho, em 11 de Maio de 1981 pelo mesmo Manuel Fernandes.

## 2. Origens

Segundo Valdemar Gonçalves, a versão deste manuscrito baseou-se num folheto da autoria João de Pádua Vasconcelos, intitulado *Verdadeiro Auto de Adão e Eva ou Estado Primitivo da Natureza*<sup>1</sup>. No CEAMM existe igualmente uma fotocópia deste auto, editado pela Livraria Portuguesa-Editora, 55, Largo dos Loyos, 56, Porto, sem data. Contudo, o *Auto da criação do mundo* é muito mais longo, pois inclui os outros autos que são o *Auto do Nascimento do Menino Sagrado*, o *Auto de Natal* e o *Colóquio da Inveja, Diabo, Silvestre, Vulcano...* De referir que estes textos existem igualmente, em separado, no CEAMM e não correspondem rigorosamente ao texto do *Auto da criação do mundo*.

## 3. Representações

Como se pode ler na “nota” que transcrevemos no final, “esta comédia” (...) “realizou-se em 4 de Maio de 1924”, (...) “a qual ficou muito bem representada”, na freguesia de Urrós, concelho de Mogadouro. Não foi, porém, a última representação pois, como testemunha António Mourinho, ela representou-se pelo menos por mais três vezes, sendo a última em 1949<sup>2</sup>.

Segundo informa Valdemar da Assunção Gonçalves, em 1994, em Malhadas, foi feita a representação a partir do texto de João de Pádua Vasconcelos, *Verdadeiro Auto de Adão e Eva ou Estado Primitivo da Natureza*<sup>3</sup>. Não temos notícia de outras representações nem noutras datas nem noutras localidades.

Uma informação curiosa que podemos encontrar na “nota” da última página é que, no final dessa representação, houve um “barulho” entre alguns dos presentes, nomeadamente os de “Brunhozinho” e “Vila Chã”, tendo sido necessária a intervenção da Guarda Nacional Republicana que, ainda assim, não impediu que alguém ficasse com “sete buracos na cabeça”.

---

<sup>1</sup> *Teatro Popular Mirandês*, Lisboa, Instituto de Desenvolvimento Social, 2002, p. 31

<sup>2</sup> Ver António Maria Mourinho, *Terra de Miranda. Coisas e factos da nossa vida e da nossa alma popular*, Miranda do Douro, Câmara Municipal, 1991, pág. 392. O autor acrescenta que a “representação é muito morosa e monótona”, demorando sete horas ininterruptas.

<sup>3</sup> Ver <http://www.mirandes.net/index2.asp?idcat=816> (consultado dia 03.12.2007)

A aldeia de Vila Chã (presumimos que se trata de Vila Chã da Braciosa, no concelho de Miranda do Douro, uma vez que há uma outra aldeia com o mesmo nome, mas no concelho de Vimioso) encontrar-se, hoje, a cerca de vinte quilómetros de Urrós. Mas, nessa época, ambas as aldeias se encontravam apenas unidas pelo caminho medieval conhecido pela estrada de Miranda. Por isso, o que nos interessa evidenciar é que estas representações arrastavam, de facto, grandes massas humanas, oriundas de toda a região, com as notícias das representações a chegarem também bem longe.

Outro pormenor interessante, que pode ser confirmado pela lista dos intérpretes, é que todos os papéis foram representados por homens. Trata-se, como se sabe, de uma prática antiga que responde a diversas proibições impostas ao teatro. Na Terra de Miranda, em 1948, no *Auto da Paixão*, representado em Duas Igrejas, os papéis femininos ainda foram representados por homens. Contudo, deve ter sido das últimas representações em que isso aconteceu. Por outro lado, segundo vários testemunhos orais, em algumas representações feitas em datas anteriores as mulheres já participavam como “comediantes”.

A Santíssima Trindade  
*Abiterno encriada*<sup>1</sup>  
Determinou criar tudo  
E tudo formar do nada.

Sendo tudo um puro nada  
Reduzido em confusão  
Foi da maneira seguinte  
Acerca da criação.

O Omnipotente Deus  
Que em si mesmo existia  
Céu e a terra criou  
Porque assim mesmo o prazia.

Criou a luz e os anjos  
Logo no primeiro dia  
Mantos de tanta beleza  
Que nada lhe excedia.

Dividiu a luz das trevas  
Com tão bela formosura  
E à luz lhe chamou dia  
E às trevas noite escura.

No segundo dia criou  
As águas para alimento  
E logo entre as mesmas  
Criou o firmamento.

Ao firmamento e às águas  
Que sob ele criou  
Lhe pôs o nome de Céu  
Cujo sempre conservou.

E as que debaixo ficaram  
Da terra as separou  
Unindo-as num só conjunto  
A quem mar denominou.

No quarto criou o Sol  
Para de dia iluminar  
A Lua e as Estrelas  
Para de noite brilhar.

No quinto criou as aves  
E animais de terra e mar

Mandando-lhe expressamente  
Crescer e multiplicar.

E vendo ser muito bom  
Tudo que tinha criado  
Resolveu no sexto dia  
Ser o homem formado.

E as criaturas da terra  
O elevou com tal vantagem  
Pois dignou-se formá-lo  
Mesmo à sua imagem.

Para que como Senhor  
Dotado de razão  
Delas usasse e gozasse  
Em qualquer ocasião.

E para dar estimação  
A um fenómeno como este  
O deixou para mais regalo  
No *Paraíso* Celeste.

Neste lugar ameno  
Um sono lhe infundiu  
Tirando-lhe una costela  
Donde a mulher saiu.

Estas duas criaturas  
Gerantes da criação?  
Têm os célebres nomes  
Um de Eva outro de Adão.

*Sai Adão e Eva (fala o Anjo)*

Adão e Eva felizes  
Neste *Paraíso gosai*  
De tudo podeis comer  
Nesta árvore não tocais.

Porque se dela comer[d]es  
Será para vós coisa dura  
Eva será desterrada  
Adão para a sepultura.

Acautelai-vos da soberba  
Da curiosidade e da cobiça  
A Deus sede obedientes  
Conservando a justiça.

*Fala Adão.*

Misterioso sono tive  
Neste ameno jazigo

---

<sup>1</sup> A expressão latina é “ab aeterno”, ou seja, desde sempre, desde a eternidade. Por isso deveria ler-se “ab aeterno criada”. Supomos que terá sido o desconhecimento do significado da expressão, por parte do autor desta “profecia”, a escrever desta forma.

Agora minha consorte  
Me acho para contigo.

Abençoa-te o Senhor  
Que a ti e a mim formou  
Ele se digne abençoar-nos  
O fim para que nos criou.

E para mais clara notícia  
Do princípio que tivemos  
É justo que atendemos  
O que nisto meditamos.

Foi do abismo do nada  
Há poucas horas tirado  
E dum belíssimo barro  
Foi o meu corpo formado.

Neste campo damasceno  
Ou terra que Adão<sup>2</sup> chamou  
Onde agora juntou  
Um pouco de leite<sup>3</sup> ou lama.

Disse Deus todo poderoso  
Para perpétua lembrança  
Quero fazer o homem  
À minha imagem e semelhança.

O mesmo Senhor debuxou  
Do lado da minha figura  
Só ele podia alcançar  
Tão perfeita criatura.

Este corpo organizado  
Em que Deus lhe separou  
Vida, sentidos e alma  
Perfeito o homem ficou.

Quem eu era me fez ver  
Mostrando coisa certa  
Da terra onde saíra  
Minha sepultura aberta.

Lembra-te que disse o Anjo  
Com cuidado aprendêsemos  
Não fôssemos curiosos  
Nem nos ensoberbecêssemos.

Se quisêssemos ser mais  
Do que o Senhor nos fizera  
Tornaríamos a vir a ser

O mesmo que dantes éramos.

Sirvam de exemplo os anjos  
Que no Céu foram criados  
Por quererem-se elevar  
Abaixo foram lançados.

E já que somos feitos  
De matéria quebradiça  
Não nos *deixamos* enlevar  
Da soberba e da cobiça.

Suposto isto nos *fêz*  
Com tão bela formosura  
Que a mesma ciência divina  
Se empenhou em nossa figura.

Dotando-nos de memória  
Para Dele nos lembrar  
De entendimento e vontade  
Para O sabermos amar.

Pois tais são os três actos  
Que formam a nossa *exactidade*<sup>4</sup>  
Notícia, saber e amar  
Memória, entendimento e vontade.

Pois Deus em toda a obra  
Seja baixa ou seja alta  
Como pode, sabe e quer  
Nunca lhes sobeja nem falta.

E assim como um só Deus  
São três distintas pessoas  
Assim estas três potências  
São da nossa alma coroas.

E sendo nós tão perfeitos  
Sem sombra do mesmo mal  
Como imagem tanto ao vivo  
Daquele divino original.

Nos intimou muito anjo  
Do que faço reflexão  
Nos *amaremos*<sup>5</sup> um ao outro  
Com recíproca união.

Por isso foi conveniente  
Não fosses tu mais que eu  
Todo o que tem essa falta  
Já por perdido se deu.

<sup>2</sup> Por “Éden”.

<sup>3</sup> Por “lodo”.

<sup>4</sup> Na versão do GEFAC lê-se “liberdade”.

<sup>5</sup> “Por “amarmos”.

Podia fazer-te da terra  
Deste *Paraíso* ameno  
Mas podias tu dizer  
Não sou barro damasceno.

Podia-te fazer das plantas  
Das aves ou animais  
Mas podias tu dizer  
Que por isso eras mais.

E como é certa a perdição  
Para toda a criatura  
Que quer ser mais um que o outro  
Levado da mesma natura.

Determinou o Senhor  
Por sua alta providência  
Fazer-te da minha costela  
Para sermos uma só essência.

E para isso foi servido  
Que eu dormisse *descançado*  
E dormindo me tirou  
Uma costela do meu lado.

Desta costela te fez  
Com tão bela gentileza  
Para que ambos soubéssemos  
Ser duma só natureza.

Manda que o amássemos  
Sobre tudo o que havia  
E depois um ao outro  
Com perfeita harmonia.

Crescer e multiplicar  
Até o mundo ser cheio  
Observando bem a lei  
Não teremos algum receio.

E que te regalasses  
Como eu fosse regalado  
E que tu me obedecesses  
Pois estás ao meu mandado.

Proibiu-nos de comer  
Daquele fruto vedado  
E com a pena de morte  
É que ficou reservado.

Um recíproco mar<sup>6</sup>  
Mandou que houvesse entre nós  
E que tu obedecesses  
*Há* minha primeira *vóz*.

EVA  
Bem *perssuadida* estou  
Que te devo obediência  
Pois assim o determinou  
A Divina Providência.

Ainda tenho presente  
O que o anjo nos intimou  
Quando neste *Paraíso*  
Com nós ambos falou.

Nem pode haver melhor coisa  
Em qualquer sociedade  
Do que haver entre nós  
Muita conformidade.

Seria grande desordem  
Fazer-te desobediência  
Criando-nos o Senhor  
No estado de inocência.

A soberba e os maus vícios  
Vão para longe de mim  
Conservamos a justiça  
Para *século* sem fim.

Mas meu consorte amado  
Diz-me se pode ser  
Qual é o sinal de ser mais  
Para eu o conhecer.

ADÃO  
Repara para estas barbas  
Que me pôs a providência  
Elas por si requerem  
Respeito e obediência.

Este é um sinal certo  
De ter mais entendimento  
Pois assim o devo mostrar  
Em todo o lugar e tempo.

EVA  
Esse sinal que mostras  
Respeitável deve ser  
O Senhor que aí o pôs  
Outro fim não podia ter.

---

<sup>6</sup> Por “amor”.

O mesmo Senhor permitia  
Seja sempre acertado  
Tudo o que é entendimento  
E houver premeditado.

ADÃO  
Teus ditos, minha consorte  
São fundados na razão  
Praza a Deus que não nos cause  
Algum dia confusão.

Víramos<sup>7</sup>, minha consorte  
Vamos ser sempre assim  
Fazendo a Deus a vontade  
Eu a ti e tu a mim.

E assim seremos ditosos  
Em conformidade e amor  
Conservando sempre a graça  
Que nos deu o Criador.

Mas ó esposa querida  
Digamos sempre a verdade  
Para nunca ofendernos  
A Suprema Majestade.

Olha que o Senhor nos pôs  
Um preceito apertado  
De não comer nem tocar  
Naquele fruto sagrado.

Que ele mesmo reservou  
Como fruto singular  
Da árvore da ciência  
Do bem e mal obrar.

Por isso tenhamos conta  
Não façamos o contrário  
Muitos anjos se perderam  
Por um só adversário.

Também o Anjo nos disse  
O que não nos deve esquecer  
Se quebrássemos o preceito  
Que mal nos havia ver.

Agora quero-me encostar  
Neste jardim deleitoso  
Pois o dormir no *Paraíso*  
É sono delicioso.

Ora pois dá-me licença  
Porque me quero deitar  
E tu se te parecer  
Também podes aqui estar.

EVA  
É onde estou melhor  
E mais à minha vontade  
Eu não tenho mais alguém  
Com quem faça sociedade.

*Adormece Adão.*

Agora já dorme Adão  
Poderei dar um passeio  
Mas que me sucede mal  
Poderei ter algum receio?

Mas *em fim* sempre irei  
Não tenho que recear  
Ora neste paraíso  
Muito há que admirar.

Quero ir ver a árvore  
Que o Senhor tem proibido  
Tocar nela, isso não  
Que a veja, há-de ser consentido.

*Vê junto da árvore uma serpente.*

Quem te deu atrevimento  
Serpente, de ter subido  
A essa árvore vedada  
Que o Senhor tem proibido.

SERPENTE<sup>8</sup>  
Quem te meteu na cabeça  
Haver tal proibição  
Olha que sempre és bem louca  
Se a isso dás atenção.

EVA  
*Fêz* o Senhor um decreto  
Com rigoroso preceito  
Quem comesse dessa árvore  
Será à morte sujeito.

SERPENTE  
A ciência do bem e do mal  
Nela está encerrada  
Como há-de ser proibida

---

<sup>7</sup> “Vivamos”, na edição do GEFAC.

---

<sup>8</sup> Esta quadra e a seguinte não constam da edição do GEFAC.

Uma coisa tão estimada.

Quem comer deste fruto  
Muita ciência há-de ter  
Será semelhante aos deuses  
E igual no saber.

Tira-te já de cuidados  
E temeres de morrer  
Come tu, como eu faço  
E sábia virás a ser.

EVA  
Sempre irei pegando nela  
Só para ter ocasião  
Para ter tanta ciência  
Como os deuses de Adão.

SERPENTE  
Come, serás minha amiga  
Olha o pomo tamanho  
Não tenhas temor algum  
Que com a verdade te engano.

*Vendo que Eva comeu.*

Olá! Olá! Minha amiga  
Olha a tua ciência  
Agora já estás perdida  
Arma-te de paciência.

*Tira-lhe o manto e diz:*

Já não tens outro remédio  
Senão ficares perdida  
Se fizeres cair Adão  
Te ficarei agradecida.

EVA  
Maldita sejas, serpente,  
Com cujos dolos caí  
Por teus malditos afagos  
A Deus desobedeci.

Enganaste-me com um pomo  
Por minha sinceridade  
Maldita sejas serpente  
Inimiga da verdade.

Oh, miserável de mim  
Oh dragão, que me enganaste  
Onde está o manto de graça  
Que agora me tiraste!

Fruto do bem e do mal  
É o que agora comi  
Pois o mal já é plenário  
E o bem já o perdi.

Oh que desgraçada estou  
Sem a graça original  
Eu só sabia do bem  
Mas agora já sei do mal.

Podendo eu estar bem  
Com o meu Adão amado  
Por curiosa me entreguei  
À maldição do pecado.

Já agora me vejo nua  
E em tão mísero estado  
Já perdi o manto de graça  
Que o Senhor me tinha dado.

Dizei-me pois passarinhos  
Que cantais alegremente  
Se podeis dar remédio  
A esta pobre inocente.

E muito mais me confunde  
Ser eu só a que pecasse  
Ficando por isso em pecado  
E Adão sem<sup>9</sup> graça ficasse.

Vou levar-lhe a maçã  
E ele comê-la-á bem  
Vendo que eu estou nua  
E ele com o manto que tem.

Da experiência de bem  
Já não posso duvidar  
Vou-me chegar para Adão  
Antes que me encontre a chorar.

Se puder chegar a ele  
Enquanto estiver dormindo  
Hei-de ver se o engano  
Para não se ficar rindo.

Entrarei por *de trás* da murta  
Onde ficou encostado  
Como não me veja o corpo  
Pela fala será enganado.

Adão, esposo querido  
Que sono te atacou?

---

<sup>9</sup> Por “em”.

Olha que já fui comer  
Do fruto que Deus vedou.

Ele é fruto da ciência  
Por isso Deus proibia  
Só para que não soubéssemos  
O que Ele ocultar queria.

Disse-me a serpente  
Que sem receio comêssemos  
Que já sabíamos do bem  
E do mal também soubéssemos.

Quem há-de viver no mundo  
Como o juiz o entender?  
Só saber do bem é pouco  
Bem e mal há-de saber.

Comendo nós deste fruto  
Ficaremos num momento  
Semelhantes a um Deus  
Quanto ao entendimento.

Eu comi bem à vontade  
Do pomo que Deus vedou  
E não me causou a morte  
Pois ainda viva estou.

Trago-te aqui só metade  
Para que queiras comer  
Come não tenhas temor  
Olha que não há-de morrer.

*Fala Adão.*

Pois se isso assim é  
E comeste sem morrer  
Dá-me cá esse bocado  
Que também quero comer.

Ó mulher que me enganaste  
Ó desgraçada maçã  
Adão triste e coitado  
Que perdeste a bênção.

Que desculpa hei-de dar  
Ao Senhor de tudo *creado*  
Vestindo-me Ele de graça  
Que perdi pelo pecado.

Que mais queria eu saber  
Do que Deus nos ensinou?  
Para que quis aprender  
O que ele reservou?

*Olha para a mulher:*

Ó desgraçada mulher  
Tu já estavas perdida  
E só para me enganares  
Me falaste escondida.

Infeliz foi o bocado  
Que comemos desta maçã  
Tu ficaste ingrata Eva  
E eu desgraçado Adão.

E agora como há-de ser  
Que já estamos despídos  
Vamos esconder-nos já  
Nós já estamos perdidos.

E se chama agora o Senhor?  
Minha triste companheira  
Vamos cá e ocultemo-nos  
Debaixo desta figueira.

*Entra em cena o Anjo.*

ANJO  
Adão! Adão! Onde estás?

ADÃO  
Senhor! Desde que me vi despido  
Escondi-me aqui por trás.

ANJO  
Quem te declarou a ti  
Que agora estavas despido?  
Não foi por comeres do fruto  
Que te estava proibido?

Vem cá e ouvirás  
O que agora te direi  
Pois que te atreveste  
A desobedecer à minha lei.

ADÃO  
Foi Eva que me enganou  
Oxalá eu não a crera  
Disse-me que comera do fruto  
Que nem por isso morrerá.

ANJO  
Ó homem covarde  
Pouco foi o teu valor  
Estimavas mais a tua vida  
Que a honra do Criador.

Mas, ó Eva enganadora  
Como tiveste ousadia  
De induzir o teu consorte  
Que ao Senhor ofendia?

EVA  
Ó Anjo de Deus mandado  
Eu bem sei que tive culpa  
A serpente me enganou  
Sirva-me isto de desculpa.

ANJO  
Não foi somente a serpente  
Foi a tua presunção  
E ao fazeres pouco caso  
Dos conselhos de Adão.

Tu pensavas alcançar  
Colher o saber divino  
Por isso te perdeste  
Com o maior desatino.

Se te viste perdida  
Já caída no pecado  
Que ganhavas tu em perder  
O teu consorte amado?

Eva, por teu pecado  
Receberás grande pena  
Mas a serpente é a primeira  
A quem o Senhor condena.

Ó serpente desgraçada  
Do pecado instrumento  
Estarás para sempre na terra  
O teu único sustento.

De rasto andarás  
E não terás pé nem mão  
Arrastando sempre o corpo  
Com o peito pelo chão.

E da mulher nascerá  
Lá em certa ocasião  
Quem te *piçze* a cabeça  
Já que lhe fizeste traição.

E o teu castigo, ó Eva  
Se o bem advertires  
Padecerás grandes dores  
Em cada vez que parires.

E porque enganaste  
O teu consorte Adão  
Tu e as mais tereis sempre  
Aos consortes sujeição.

E tu, Adão, por consentires  
Na ofensa ao Criador  
Terás sempre o sustento  
Do teu trabalho e suor.

Muito padecerás  
No pouco que hás-de viver  
E vivendo sempre em miséria  
Hás-de por fim morrer.

Isto não só para ti  
Mas para tua *desobedência*<sup>10</sup>  
Que é pecado original  
A funesta consequência.

Desgraçada foi em vós  
Toda a geração humana  
Sendo vós os que coroavam  
As obras desta semana.

Ó tristes, que já não sois  
Felizes como *érades*<sup>11</sup> antes  
O estado de inocência  
Durou bem poucos instantes.

Dizei-me, pobres humanos  
Que *turbação* vos perdeu?  
Porque não usastes vós  
Da ciência que Deus vos deu?

Bem vos podia lembrar  
Que a soberba e a ambição  
Muitos anjos fez demónios  
E réus da condenação.

Que ambição foi a vossa  
Vós queríeis penetrar  
Os segredos do grande Deus  
Que só Ele os pode alcançar.

O saber do Criador  
Não é para as criaturas  
Nem para os anjos do Céu  
Sem matéria nem figura.

<sup>10</sup> Na edição do GEFAC lê-se “descendência”.

<sup>11</sup> Forma popular, transmontana, comum à língua mirandesa, da 2ª pessoa do presente do indicativo do verbo ser.

E quereis vós alcançá-lo  
 Pobres bichinhos da terra  
 Para fora do paraíso  
*Destarrados* Adão e Eva.

O *Anjo sai. Entra Adão com a enxada, Eva com a roca. Fala Adão:*

12

Trabalha, pobre mulher  
 Nós já somos condenados  
 A trabalhos e a suar  
 Para sermos sustentados.

Já as árvores não dão frutos  
 Que nós possamos comer  
 Nem a terra nada dá  
 Sem primeiro a remexer.

E ainda trabalhando-a  
 Fica ela de tal casta  
 Cria erva com sargaço  
 E não trigo como madrastra.

Já a justiça original  
 Que perdemos pelo pecado  
 Faz que mesmo trabalhando  
 Seja bastante escusado.

Até as feras do monte  
 Que nos tinham obediência  
 Se levantaram contra nós  
 Com feroz inclemência.

Mas ainda aqui não pára  
 Nossa desgraçada sorte  
 Ficamos réus do pecado  
 E por fim sujeitos à morte.

Ainda vai mais adiante  
 Nossa fatal ruína  
 Já estamos incursos  
 Na indignação divina.

Já também experimentámos  
 As perdas regalias  
 Do ameno paraíso  
 Que tu até agora vias.

A culpa que cometemos  
 Causou-nos tal maldição  
 Que já não são para nós  
 Belos frutos da bênção.

Já agora estamos sujeitos  
 A sofrer enfermidades  
 Coração de natureza  
 E outras penalidades.

A razão que até agora  
 Nossas acções governava  
 Já pelas nossas culpas  
 Ficou cega e esforçada.

Tal foi a nossa cegueira  
 Depois do pomo comer  
 Já nada mais temos  
 Senão somente morrer.

O caso é que ofendemos  
 A Divina Omnipotência  
 Suprema e encriada  
 Infinita por Excelência.

Mas logo que fosse a morte  
 Muito pouco importava  
 Era mais ou menos figura  
 De poucas horas formado.

Esta era a circunstância  
 Por nós invertida  
 Que devíamos amar a Deus  
 Ainda mais que a própria vida.

Estejamos advertidos  
 Ainda que não queiramos  
 Deus nos há-de pedir contas  
 Do bem e do mal que obramos.

Ah! Mas que tanto mal nos *fêz*  
 O pecado cometido  
 Nesta vida mil misérias  
 Na outra *iterno* castigo!

Meu doutíssimo Jesus  
 Arrependido estou confessando  
 Que tenho de vos dar contas  
 Mas a hora não sei quando.

Sendo eu retrato vosso  
 Por vossa mão debuxado  
 Manchei a Vossa figura

<sup>12</sup> Esta intervenção de Adão tem bastantes quadras que não constam da edição do GEFAC, podendo ser da autoria de um regrador local.

Com o meu enorme pecado.

Já não sinto condenar-me  
Ao Inferno *iternamente*  
Se cá nisto satisfizeste  
A Justiça Onnipotente.

Pois que em mim conheceis  
Tão ingrata enormidade  
Se Vos convém condenar-me  
Faça-se a Vossa vontade.

E se Vós quereis condenar-me  
Eu não me posso queixar  
Pois não há outro juízo  
Para quem possa apelar.

*Fala o Anjo:*

Cala-te Adão temerário  
No teu modo de dizer  
Pois tens outro tribunal  
A quem possas recorrer.

Portanto mais não prossigas  
Põe tua alma em concórdia  
Podes apelar para a Justiça  
Para a Divina Misericórdia.

Sabes que Deus tem Justiça  
Mas também tem piedade  
E para esta recorrer  
Com perfeita humildade.

Lança-te arrependido  
Com pesar e contrição  
E do pecado passado  
Terás completo perdão.

*Adão ajoelha:*

Só vejo terras incultas  
E outeiros escarpados  
Efeitos da maldição  
Que incorri por meus pecados.

Penalizou para nós  
A feliz terra de *Édem*  
Já só se vê terra brava  
Como ilhas que o mar tem.

Lanço os olhos e ainda vejo  
A Terra em que Deus me Criou  
Mas que importa se desterrado

Dela para sempre que vou?

*Fala Eva:*

Peço-te, ó meu esposo  
Se chamar-te assim permites  
Não desprezes esta triste  
No desterro em que habites.

Para sempre como estava  
A servir-te meu sujeito<sup>13</sup>  
Pois que a tua desventura  
Só a mim diz respeito.

*Fala Adão:*

Ó minha querida esposa  
Não me aumentes a tristeza  
Pois a clemência divina  
Devemos esperar com firmeza.

A quanto o Senhor criou  
Nunca perdeu afeição  
Ou ouvindo sempre bem  
Ou do mal pedir perdão.

Vamos nele confiado  
Continuando o desterro  
Ainda que haja trabalhos  
E pena dos nossos erros.

Aquele feliz estado  
Em que o Senhor nos criou  
Perdeu-se por nossa culpa  
Já lá vai, já se acabou!...

*Fala Eva:*

Ó meu amado consorte  
Não me queiras estranhar  
Que torne a pôr os olhos  
Naquele feliz lugar.

Porque olhando me consola  
Na pena que me contrista  
Mas uma alta montanha  
O esconde à minha vista.

Entre lágrimas e soluços  
Entre suspiros e ais

---

<sup>13</sup> A forma escrita desta frase deveria ser “a servir-te eu me sujeito”, notando-se assim uma clara interferência da oralidade.

Lhe dou o último adeus  
Adeus para nunca mais.

*Fala Adão:*

Consola-te no desterro  
Não vivamos descontentes  
Feliz destino teremos  
Sendo a Deus obedientes.

Só desterrados seremos  
Nesta vida transitória  
Manda o Senhor que sejamos  
Felizes, na eterna glória.

Ó meu Deus todo poderoso  
Prepara-me<sup>14</sup> bem na verdade  
De ofender tão gravemente  
Vossa Divina *Magestade*.

Só por *seres* Vós quem sois  
Tão digno de ser servido  
Mais quisera eu morrer  
Do que haver-Vos ofendido.

Ainda que não houvesse Inferno  
A culpa por mim merecido  
Já pela Vossa bondade  
Me prosto arrependido.

Ainda que Céu não houvesse  
Para que Vós me criastes  
*Quizera* amar-Vos tanto  
Como a mim me amastes.

Por isso Senhor me pesa  
De haver-Vos ofendido  
Quisera ter meu coração  
Com dor e pesar partido.

Mas proponho firmemente  
Com Vossa graça ajudado  
Antes mil vezes morrer  
Que cometer um só pecado.

E desde que cometi  
Por minha culpa Senhor  
Humilde peço perdão  
Perdoai-me pelo Vosso amor.

*Eva prosta-se de joelhos:*

Senhor, porque da culpa  
Eu fui a causa primeira  
Pesa-me muito ter caído  
Em tão enorme cegueira.

Mas o que posso alegar  
Ó meu Deus e Criador  
É que de ter pecado  
Tenho uma grande dor.

Não pelo medo da culpa  
Mas sim pela Vossa bondade  
Digno de ser amado  
Por toda a eternidade.

Por este mesmo motivo  
Proponho não mais pecar  
Dai-me Senhor a vossa graça  
Para assim a praticar.

*Fala o Anjo:*

Adão e Eva infelizes  
Fostes pelos vossos pecados  
Mas por vossa contrição  
Estais assim melhorados.

Pois o Senhor atendeu  
Ao vosso pesar e dor  
Mas tende por fundamento  
O seu divino amor.

Hei-de buscar o vosso sustento  
Com desvelo e cuidado  
E guardei a lei natural  
Que o Senhor vos tinha dado.

Mas porque só aspiráveis  
A cumprir a vosso gosto  
Ide trabalhar para comer  
Com o suor do vosso rosto.

Dois instrumentos levais  
Que bem vos poderão servir  
Para a lembrança bem constante  
Para nunca mais cair.

Trabalhai Adão e Eva  
Cultivai a terra dura  
Mas tende sempre presente  
Que será a vossa sepultura.

O que o Senhor vos promete  
Com assim o bem cumprais

---

<sup>14</sup> Por “pesa-me”.

Assim entrareis na Glória  
Vós e outros muito mais.

Não será tão brevemente  
Nem tal queirais entender  
Que primeira a Divina Justiça  
Se há-de satisfazer.

E não há-de ser por vós  
Nem pelo vosso cuidado  
Mas pelo saber divino  
Que vós tendes agravado.

O Senhor vos promete isto  
Pode não vos querer dizer  
Se não quando for servido  
Com e em que tempo há-de ser.

Mas por vossa contrição  
É o Senhor tão sofrido  
Que já vos tem perdoado  
Todo o crime cometido.

Porém a pena do dano  
Que consiste em o não ver  
Reserva a Justiça Divina  
Até se satisfazer.

Mas lá prepara o limbo  
Ou o seio de Abraão  
Para lá estardes em pena  
Até vossa redenção.

Mas guardai muito à risca  
Os preceitos naturais  
Conforme a lei Divina  
Donde dependem os demais.

Tu Eva pecadora  
Não vivas desconfiada  
Está a Misericórdia Divina  
A teu favor empenhada.

Pois de ti há-de nascer  
Ou da tua geração  
Quem esmague a serpente  
Já que te fez a traição.

Há-de ser uma donzela  
Quem lhe pise a cabeça  
Fazendo-a estar sujeita  
Até que lhe obedeça.

E sabia todo o vivente

Que agora fica mortal  
E que os males do mundo  
São filhos deste mal.

Se não caísse na fraqueza  
Daquele fruto comer  
Ireis com vossos filhos  
Para a glória sem morrer.

Mas já que haveis de morrer  
Pois é decreto do Eterno  
Morrerei na graça de Deus  
Para que vos livre do inferno.

E tu Adão conserva  
O que Deus determinou  
Para deixares notícias  
Do que agora se passou.

Para que teus descendentes  
Saibam que já são iguais  
E não caiam na soberba  
Dalguns quererem ser mais.

Que desgraçada é a culpa  
Que funesto é o pecado  
Pois tão breve faz mudança  
Do bom para o mau estado.

O Senhor que vos criou  
Vos queira sempre guardar  
Para não pecar mais nesta vida  
Para na outra gozar.

Agora saí [com] presteza  
Por esse mundo além  
Deixai já o *Paraíso*  
Não entra cá mais ninguém.

Tenho recomendação  
De sua porta guardar  
Como o Senhor o mandou  
Assim o quero obrar.

Para que vós nem outros  
Tomem a vossa ocasião  
De comer daquele fruto  
Que foi a vossa perdição.

Não poderá haver pessoa  
Que deixe de lamentar  
Vendo-vos ir feitos réus  
E desterrados andar.

Com isto ide com Deus  
A paz de Deus vos assista  
Adeus pobres pecadores  
Até à primeira vista.

*Sai ou vai-se o Anjo.*

EVA  
Perdoai-me meu esposo  
Eu fui eu a causa de terem fim  
As delícias do paraíso  
Para ti e para mim.

Já estamos desterrados  
Durante a vida mortal  
Adeus, terra de bênção  
Adeus, *Paraíso* terreal.

Já somente vemos desertos  
E outeiros escarpados  
Efeitos da maldição  
Que incorre por meus pecados.

Esta vida trabalhosa  
Acaba com brevidade  
É como o dia de ontem  
À vista da Eternidade.

Busquemos nestes desertos  
Algumas concavidades  
Que sirvam de asilo  
Nas terríveis tempestades.

Cada um no seu ofício  
É preciso trabalhar  
Nem nós temos outra vida  
Para nos poder sustentar.

E que assim o cumpramos  
O decretou o Senhor  
E por fim acabaremos  
Quando conveniente for.

FIM.

*Acto de Caim, Sete, Abel, Lamaleque e Diabo.  
Sete fala.*

SETE  
Meus queridos irmãos  
Quero-vos aconselhar  
Que o Senhor mais que tudo  
É que devemos amar.

E que nós uns aos outros  
Pelo amor de Deus nos amamos  
Sem que haja entre nós  
Algum que seja menos.

E para que assim suceda  
Obtemos<sup>15</sup> com tal cautela  
Fazendo nosso pai da terra  
A nossa mãe da sua costela.

Deus não criou muitos homens  
Só fez nosso pai Adão  
Para que os seus descendentes  
Se amassem em união.

Um pecado da soberba  
É para todos definida  
Apetite desordenado  
De a outros ser preferida.

Este apetite pois,  
Foi o que Lusbel perdeu  
A ele e a muitos anjos  
Que foram lançados do Céu.

Pudera este sucesso  
Servir de exemplo a Adão  
Pois talvez não cairiam  
Na pena da maldição.

Mas os nossos pais pecaram  
Por sua grande miséria  
Por querer como Deus  
Sendo de tão vil matéria.

Se na inocência pecaram  
Sendo tão advertidos  
Que será agora de nós  
Se já nascemos perdidos.

Eles tinham um exemplo  
Para não haver pecado  
Vendo quanto a soberba  
A Lusbel tinha custado.

Mas vamos além disto  
A nossos pais arrastados  
Menos desculpas teremos  
Que temos exemplos dobrados.

---

<sup>15</sup> Esta quadra também não consta da versão do GEFAC. Parece-nos que a forma capaz de tornar mais transparente a leitura da quadra seria “obremos”.

Portanto estejamos certos  
Irmãos meus muito amados  
Que sejamos uns dos outros  
Igualmente estimados.

Quem tem mais estimação  
Perante Deus da verdade  
É aquele que nesta vida  
Vive com mais caridade.

*Fala Caim:*

Estás um grande pregador  
Nessa tua resolução  
Não sabeis que sou primogénito  
De nossos pais Eva e Adão.

Como quereis que sejamos iguais  
Em poder e virtude  
E como quereis tirar-me  
Minha primeira juventude?

Como o nosso Abel  
Também já quer governar  
Julga que é um santinho  
Para se me poder igualar.

Deveis-me muito respeito  
Cada qual de vós, irmãos,  
Se algum me insultar  
Hei-de-lhe pôr bem as mãos.

Não quero que haja igualdade  
Sobre vós hei-de mandar  
E os meus filhos sobre os vossos  
Também hão-de governar.

Haveis-me estar tão sujeitos  
À minha obediência  
Não pareça que algum  
Me há-de fazer competência.

Vós ainda não sabeis  
Aquele humano ditado  
Que se se acaba o respeito  
Fica o mundo acabado.

ABEL<sup>16</sup>  
Pois manda-nos teu bem

Sempre te obedecerei  
Em tudo o que for de razão  
E conforme manda a Lei.

Porém esses teus ditames  
Não são às leis iguais  
Mas são filhas da soberba  
Que perderam nossos pais.

Para que se digne o Senhor  
Ser para nós propício  
Devemos com grande humanidade  
Oferecer-lhe sacrifício.

Só Deus sobre todas causas  
É que devemos amar  
O melhor cordeiro de gado  
Lhe quero sacrificar.

Mas tu obras ao contrário  
Dás-lhe as *ribeiras*<sup>17</sup> da eira  
Devendo-lhe tu o melhor  
Dessa tua sementeira.

Zangas-te para mim  
Por eu obrar deste modo  
Pois não hei-de dar um cordeiro  
A quem me deu o gado todo.

*Fala Caim:*

Não! Porque não quero eu  
Que o melhor lhe seja dado  
É bem que o coma eu  
Pois eu sou o morgado.

SETE  
Cala-te irmão Caim  
Não digas tal heresia  
Como podes *aplicar*<sup>18</sup>  
Uma cólera Divina?

Senão oferecendo a Deus  
Da primeira novidade  
Para que assim se satisfaça  
Da nossa boa vontade.

E por isso persegues  
Nosso irmão inocente  
Pois isso que disseste

<sup>16</sup> Na nossa versão, certamente por lapso, não aparece a menção de que estas palavras são proferidas por Abel.

<sup>17</sup> Por “ribeiras”, ou seja, restos de grão depois de joeirado.

<sup>18</sup> Por “aplicar” (serenar).

Pecaste eternamente.

Somos filhos da miséria  
Nossos pais também pecaram  
Mas com triste arrependimento  
Já o perdão alcançaram.

Pois que vimos o exemplo  
Nos anjos e nossos pais  
Que será de nós pecando  
Não queiramos pecar mais.

Ofereçamos sacrifício  
Cada um no seu altar  
Um dos melhores cordeiros  
Outro do pão que *cegar*<sup>19</sup>.

*Fala Caim:*

Cala-te aí *sandeiro*  
Olha que pode ser que te esmague  
Não me estejas cá pregando  
Quem te encomendou o sermão que te  
pague.

*Sai Sete, fica Caim. O Diabo fala:*

Caim, que paixão é essa?  
De quem te estás queixando?  
Com que os teus irmãos mais novos  
São os que te estão pregando.

Olha o tolinho do Abel  
O melhor cordeiro de gado  
Ainda se Deus o comesse  
Mas para ser sacrificado!...

Bom seria que ele comesse  
O trigo limpo à joeira  
E depois comesse[s] tu  
A larica e a mosqueira.

Como o franguinho do Sete  
Olha que é bem atrevido  
Sendo um pobre pastor  
Quer-se igualar contigo.

Quando acabar o respeito  
*Há-de-se* o mundo acabar  
Que digam esses tolinhos  
Que te não hão-de respeitar.

Nunca lhe dês confiança  
Trata-os como escravos teus  
Nunca deixes esquecer  
Estes conselhos meus.

Se algum se recusar  
Ao teu respeito devido  
Trata logo de o matar  
Como vil e atrevido.

E até mesmo os teus filhos  
Como filhos dum morgado  
Não deves crer que acompanhem  
Com esses que andam com o gado.

*Fales* bem da tua grandeza  
Não te deixes humilhar  
Que se eles são humildes  
Humildes hão-de ficar.

E com estes meus conselhos  
Já ficas desenganado  
Olha que em tudo te ensino  
Na doutrina do diabo.

Enquanto a esses sacrifícios  
Sirva-vos de cerimónias  
Já pecaram vossos pais  
Já vós não entrais na glória.

*Sai o Diabo. Caim fala:*

O Diabo diz-me bem  
Eu sou morgado soberano  
Para que se me há-de igualar  
A um pobre ovelhano.

Andem-me debaixo dos pés  
Reconheçam o senhorio  
Se algum me ripostar  
Matá-lo-ei com muito brio.

Já esse sacrifício  
Que meus pais mandam fazer  
Eu oferecerei a Deus  
O que não puder comer.

*Entra Sete e Abel. Sete fala:*

Ora irmãos e amigos  
O que nós devemos obrar  
É oferecer a Deus sacrifício  
Para que nos queira salvar.

---

<sup>19</sup> Por “ceifar” ou “segar”.

*Fala Caim:*

Olha lá, ó pregador  
Desses acho eu aos milhares  
Não te estimo como irmão  
Ainda que prefaças milagres.

Está boa a confiança  
Vir-me cá chamar-me por tu  
Fala com teus iguais  
Que eu não sou tal como tu.

*Fala Sete:*

Se não és tal como eu  
Queira Deus que sejas melhor  
Mas eu digo que te livres  
De ser grande pecador.

Mas eu vivo desconfiado  
Dessa tua soberania  
Em vez de adorares a Deus  
Adoras a fantasia.

Eu digo-vos a verdade  
Tomai-a como quiserdes  
Compondo-vos com Deus  
O melhor que puderdes.

*Sai Sete e fica Abel. Caim fala:*

E tu Abel *cafuri*<sup>20</sup>  
Estás já desenganado  
Que sempre ao meu respeito  
Deves viver humilhado.

*Fala Abel:*

Humilde sou como a terra  
Mas sinto irmão Caim  
Que os teus e meus pecados  
Te percama a ti e a mim.

E por isso eu queria  
Que oferecêssemos sacrifício  
Eu dos melhores cordeiros  
E tu do pão sem vício.

Para que assim o Senhor  
Vendo a nossa vontade  
Se digne perdoar-nos  
Toda a nossa grande maldade.

CAIM

A maldade é só tua  
Que eu sou o *príncipe* da terra  
Sou o primeiro nascido  
Quem tal não confessa, erra.

*Fala Abel:*

Que importa nasceres primeiro  
Se nasceste em pecado  
Chegarás a ser santo  
Se viveres *enmendado*.

Para emenda sabida  
O melhor é a oração  
Por essa Deus nos perdoa  
Fazendo-a com contrição.

Vamos fazendo altares  
Para oferecer ao Senhor  
Se Deus no-los aceitar  
Faz-nos grande favor.

*Abel de joelhos:*

Meu Senhor, este cordeiro  
Vos ofereço com humildade  
Figura do que esperamos  
Da Vossa Divina bondade.

Recebei ó meu Deus  
Por vítima do holocausto  
Que sou um pobre pastor  
Como este não tem outro.

Ó meu Deus Omnipotente  
Sendo eu tão pecador  
Não tenho merecimento  
De receber tal favor.

Vai como o fogo do Céu  
Meu cordeiro consumido  
E o fumo do sacrifício  
Ser no Céu recolhido.

Agora vos peço meu Deus  
Ainda com mais atenção  
Que este favor divino  
Não me encha de presunção.

---

<sup>20</sup> Na versão do GEFAC a forma que nos aparece é “cafuintro” mas nem uma nem outra são portuguesas. A palavra cuja forma mais se aproxima parece-me ser “cafir”, nome que os muçulmanos dão aos infieis.

Confesso que este milagre  
É toda vontade Vossa  
E não há a meu favor  
Causa que alegar possa.

Mas como criatura vossa  
Espero mais outro favor  
Perdoaste a meus pais  
Perdoai-me a mim, Senhor.

Creio que este sacrifício  
É figura tão somente  
Que há-de satisfazer  
A Justiça Omnipotente.

Ó meu Deus, eu o confesso  
Que sendo conveniente  
O dar-me em sacrifício  
O fará prontamente.

Mas se nem eu nem outro homem  
Podemos satisfazer  
Aceitai-me esta oferta  
É o que posso oferecer.

*Caim levanta-se e fala:*

Cala-te aí, bacharel  
Não sejas tão confiado  
O primeiro sacrifício  
Há-de oferecê-lo o morgado.

Meu Deus, estas mosqueiras<sup>21</sup>  
Vos *ofereço* quem não *erra*<sup>22</sup>  
Vós mesmo as criastes  
Entre o meu trigo na terra.

Para mim não são boas  
Para Vós podem prestar  
Eu não as semeei  
Mas achei-as ao segar.

O que vos peço Senhor  
Nesta minha impureza

É que a minha geração  
Leve a primeira nobreza.

Pois que eu fui o primeiro  
Que no mundo foi nascido  
Além de tudo e por tudo  
Seja a todos preferido.

*Fala Abel:*

Cala-te aí não prossigas  
Que em tudo vais errado  
Que tem Nosso Senhor  
Com que tu sejas morgado?

Como dás as mosqueiras  
Porque a terra as criou  
As ervas prejudiciais  
O pecado as *sementou*.

Se nossos pais não pecassem  
E nós *nacessemos*<sup>23</sup> justos  
Não nasceriam ervas  
Que destrúissem os frutos.

Não há nobreza sem honra  
E honra sem virtude  
Procura ser virtuoso  
Se queres que Deus te ajude.

Pensas ser mais do que nós  
Te ostentas com alteza  
O que amar a Deus  
É o que tem mais nobreza.

Olha o caso que Deus faz  
Dessas tuas mosqueiras  
Ao Senhor que nos dá tudo  
Dás-lhe ofertas tão mesquinhas.

Desses-lhe tu as primeiras  
De trigo mais escolhido  
Com pesar do coração  
Das culpas arrependido.

O Senhor o aceitaria  
Como aceitou o meu  
O fumo que dele saiu  
Se recolheu para o Céu.

Mas tu somente adoras  
'Tua fantástica paixão

<sup>21</sup> Segundo as indicações que se podem ler mais abaixo (cf. estrofes 304 e 309), tratar-se-á de uma erva daninha ou dos restos do trigo depois de joeirado, ou seja, as chamadas rabeiras referidas na estrofe 311.

<sup>22</sup> A forma “correcta” deveria ser. “Vos oferece quem não erra”.

<sup>23</sup> Cf. mirandês “nacer” (nacer).

Por isso ofereces a Deus  
Só as *ribeiras*<sup>24</sup> do pão.

Não sabes que a soberba  
É mãe de toda a maldade  
Quem não quiser ser mau  
Tenha perfeita humildade.

Ó beatinho doutor  
Tu ainda dás razão  
Julgas que Deus não aceita  
A minha oblação?

Morres nas minhas mãos  
Não sejas tão confiado  
Assim quiseste tu  
A doutrina do diabo.

*Retira-se Caim. Sete fala:*

Abel! Abel! Não falas  
Estás em sono absorto  
Mas aí tanto sangue  
Meu Deus que já está morto.

Meu irmão querido  
Ah! Meu Abel inocente  
Já te tirou a vida  
Nosso irmão insolente.

Ó perfido<sup>25</sup> Caim  
Que destino foi o teu  
Em que te ofendeu Abel  
E que delito cometeu?

Ó meu querido Abel  
Tu que nunca ofendeste  
A Deus, nem à sua Lei  
Que tirana morte tiveste.

O miserável Caim  
Em soberba submergido  
Agora sim que és distinto  
Em teres a Deus ofendido.

Que vale a tua nobreza  
Ó miserável irmão  
Que do teu morgadio  
Vês aí a distinção?

Querias ser mais nobre  
Era teu desejo eterno  
Agora és o mais desgraçado  
Réu das penas do Inferno.

Os mais maus foram bons  
Pelas delícias celestiais  
Mas decaíram para sempre  
Porque queriam ser mais.

Nossos pais, Adão e Eva  
Felizes foram criados  
Mas querendo elevar-se  
Logo foram condenados.

Com todos estes exemplos  
Ainda queremos distinção  
Sendo nós todos irmãos  
Duma mesma geração.

Que algum governasse  
É de justiça e de direito  
Mas deve ser aquele  
Que para isso for eleito.

Pois toda a eleição  
Ainda que pareça humana  
Deus é que a dirige  
Com providência soberana.

Todos os que desgostam  
A legítima eleição  
É porque se esquecem  
Que são filhos de Adão.

Mas aonde me transporta  
A minha grande aflição  
O meu Abel já não vive  
Foi morto por seu irmão.

Mas para que formulo mais queixas  
Se o mundo está chamando  
Às minhas chegadas bocas  
Com que se está queixando.

E o sangue que lhe corre  
Já sem nenhum calor  
Bem mostra chamar justiça  
Contra o seu matador.

Mas estimada<sup>26</sup> me consola  
Pois Caim é meu irmão

<sup>24</sup> Por “rabeiras” (restos de trigo)

<sup>25</sup> Por “pérfido”? Na versão do GEFAC lê-se “miserável”.

<sup>26</sup> Possivelmente dever-se-ia ler “isto em nada”.

Por fim terás que sofrer  
A pena de *tebalião*<sup>27</sup>.

Por qualquer parte que observes  
Acho da mesma sorte  
Abel a primeira vítima  
Que o despojou<sup>28</sup> a morte.

A minha alma sempre atenta  
Às vozes da natureza  
Sem lembrança que é a culpa  
A causa de tanta cruza.

Pois causa-nos o pecado  
Cegueiras no entendimento  
Chega a obrar com feras  
Quem não tem conhecimento.

Tal é a miséria do homem  
Na sua cega paixão  
Que chega a ter semelhança  
Com o tigre e o leão.

Tal é o mísero Caim  
Que chegou a ser fraticida  
Ninguém podia dizer nada  
Enquanto está nesta vida.

Mas hei-de amaldiçoá-lo  
Por cair em tal discórdia  
Mas em seu favor imploro  
À Divina Misericórdia.

Este despojo da morte  
À terra o vou entregar  
E será o primeiro filho  
Que em sua mãe torna a entrar.

Aquela sentença Divina  
Vos deve presente estar  
Lembra-te, ó homem, que és pó  
E em pó te hás-de tornar.

*Fala o Diabo:*

*Alvísse*ras companheiros  
Que já me vejo vingado  
O primeiro filho de Adão  
Já foi amaldiçoado.

Muitos conselhos lhe dei  
Que muito bem abraçou  
Ao irmão não lhe condeou  
Por isso logo o matou.

Olhai por onde lhe armei  
Pela soberba e presunção  
Que devia ser mais nobre  
Que os outros filhos de Adão.

Haveis de saber companheiros  
Que a soberba e a luxúria  
São os caminhos mais certos  
Para encher a nossa cúria.

Já os filhos de Caim  
Levam ideias iguais  
Já têm presunção  
Como tem o pai ou mais.

De nobreza presumidos  
Luxuriosos serão  
Não sabeis que a luxúria  
É a primeira da presunção.

Agora vamos cuidar  
Em armar-lhe um aranzel<sup>29</sup>  
Que casem os filhos de Caim  
Com os de Sete e Abel.

E são uns santinhos  
Mas juntos uns com os outros  
E nós metidos com eles  
Tais serão uns como os outros.

Já que Deus nos condenou  
Agora desses humanos  
Nós deles nos vingaremos  
Com tentações que lhe façamos.

CAIM

Oh, miserável de mim  
Já me cai a maldição  
Pois clama o céu a justiça  
Contra o sangue do meu irmão.

Mofina<sup>30</sup> de mim Caim

<sup>27</sup> O “autor” certamente se quis referir à conhecida “pena de talião” embora, na edição do GEFAC, se leia, “pena da maldição”.

<sup>28</sup> Por “desposou”.

<sup>29</sup> Embora o significado mais comum, antigo, seja “tarifa alfandegária”, neste caso significa claramente “armadilha ou embuste”, um valor semântico que, de alguma forma, é permitido pelo sentido de “lengalenga” que aquela palavra também tem.

Que fui o mais desgraçado  
Até dos meus próprios filhos  
Me vejo desamparado.

Para as faldas do monte Líbano  
Me fui com os meus filhinhos  
E muitos mais lá gerei  
Pois já os novos são grandinhos.

Por isso já me desprezam  
Não fazem caso de mim  
Vou-me por esses desertos  
Até que chegue o fim.

Já me tremem pés e mãos  
Já me treme o corpo todo  
Qualquer vulto que vejo  
Me parece urso ou lobo.

Muitos filhos tenho criado  
Que malditos todos sejam  
Todos me desampararam  
Oh! Desamparados sejam.

Se casam com os de Sete  
Ou também com os de Abel  
Com tanta desigualdade  
Como vai de mim para eles.

Já não se lembram que sou morgado  
Primogénito do mundo  
Já de mim ninguém faz caso  
A nobreza já foi ao fundo.

Qualquer sombra me *atromenta*  
Só vivo de escárnio e risa  
Já me vejo desamparado  
De qualquer sevandija.

Até os próprios filhos  
Me deixaram desamparado

Errante pelos desertos  
Como se fosse um malvado.

Quero-me deitar um pouco  
Neste monte solitário  
Para descansar dormindo  
Deste tormento fadário.

Mas ó que o meu sono  
Já o medo me desfez  
Que me mate algum caçador  
Julgando que sou montez.

*Fala Lameque:*

Por estes altos e ásperos montes  
Andam animais ferinos  
Não só comem o gado  
Mas comem também os meninos.

Sou caçador de fama  
Meu ofício é matar  
Feras, bichos e montezes  
Até o fim lhes poder dar.

De arma de fogo e flecha  
Aqui vou aparelhado  
Quero disparar um tiro  
À fera que vejo ao lado.

Desde aqui donde estou  
Vejo um vivente avultado  
Até me parece um homem  
Numa fera disfarçado.

Para saber que é vivente  
Basta fazer movimento  
Se soubesse que era homem  
Não lhe queria dar tormento.

Mas segundo me parece  
Homem não pode ser  
Ouve falar e não fala  
Penso que vai morrer.

Ora aí vai um tiro  
E creio que acertarei  
Pois ao alvo de meu empenho  
Em nenhum errarei eu.

Por isso certeza tenho  
Que logo que disparar  
Ao monstro que eu atire  
Sem vida há-de ficar.

<sup>30</sup> Esta forma encontra-se registada nos principais dicionários como adjectivo ou substantivo feminino, significando desditoso (desdita), infeliz (infelicidade) etc., sendo apresentada como uma palavra com possível origem numa forma hispano-árabe que, do português, transitou para outras línguas românicas (Ver J. Corominas e J. A. Pascual, *Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico*, Madrid, Gredos, 1981, vol. IV, pp. 112-115. A sua utilização, incorrecta, como verbo, fica a dever-se, em meu entender, ao desconhecimento do seu significado que deveria “mofino de mim”, ou seja, triste de mim.

E para me tirar de dúvidas  
Faço a minha pontaria  
Morra já o bicho fera  
E mais a sua cobardia.

CAIM  
Ó Lameque, que me deste  
Uma morte tão *insulente*  
Bem te podias lembrar  
Que eu era teu parente.

LAMEQUE  
Se soubesse que eras tu  
Que em fera estavas disfarçado  
Não te daria tal tiro  
Assim seja-te bem empregado.

Não te lembras que mataste  
Um Abel Justo e santo  
Não te admires agora  
Que te suceda outro tanto.

E se te parece mal  
Este modo de dizer  
Dá-me notícias do Abel  
Que eu desejo saber.

CAIM  
Abel por quem tu procuras  
Nunca esteve em meu poder  
Nem eu dele fui guarda  
Tu que me vens a dizer?

Repara que me mataste  
E me fizeste aqui morrer  
Por este mal que fizeste  
Castigo virás a ter.

Agora que já estou moribundo  
Por quem aqui chamarei  
Só se for pelo diabo  
Cujos conselhos tomei.

LAMEQUE<sup>31</sup>  
Deus queira que com tal  
Nenhum embaraço tenhas  
Mas se tens contas com ele  
Averigua-as, lá te *avanhas*.

Mas eu já te vejo morto  
Sem nenhuns sinais de vida  
Se tens alguns embaraços  
Procura quem tos decida.

Agora vou-me embora  
Na caça continuando  
É muito mais *devertido*  
Do que andar lavrando.

DIABO  
Tanto te quero Caim  
Que até no tempo da morte  
Venho alegre aplaudir  
Tua desgraçada sorte.

Em vida foste meu amigo  
Fizeste-me a vontade  
Vem-te agora comigo  
Façamos sociedade.

Acharás lá no Inferno  
Blasfémias e maldições  
Penas que não têm fim  
E tudo desesperações.

O fogo te há-de queimar  
Sem nunca te consumir  
Como eu experimento  
Tu mesmo o hás-de sentir.

O melhor gosto que tenho  
É que tendo-te enganado  
Foste em vida como bruto  
E por morte condenado.

O inferno é uma casa  
De portas tão *descançeladas*  
Abertas para entrar  
Mas para sair fechadas.

Vamos ambos para lá  
Dizendo aos pecadores  
Se nos *quiserem* seguir  
Nos fazem grandes favores.

Reparem bem pecadores  
Olhem que isto é assim  
Se quiserem escapar  
Nunca se fiem em mim.

*Acto de Inveja, Diabo, Silvestre, Vulcano, Narciso,  
Belisa, Júlia, Rebeca.*

<sup>31</sup> Na nossa aversão, como se pode conferir pela edição digitalizada, estas palavras não são atribuídas, por lapso, a Lameque, mas sim a Caim.

INVEJA

Quem andar com inveja  
Comete um tal pecado  
Que de repente fica  
Todo o mundo confiscado.

Abel e seu irmão Caim  
Viviam santamente  
Mas meti-me com eles  
Ambicionei-os<sup>32</sup> de repente.

De sorte que Caim  
Matou seu irmão Abel  
Bem se queriam os filhos de Israel  
Mas desde que eu lhes disse  
Que fossem filhos de Raquel.

Era entre todos estimado  
De seu pai por Benjamim  
E matá-lo ocultamente  
O propuseram entre si.

Um deles por ser amigo  
Ou por estar determinado  
Combinaram vendê-lo  
Para o Egípto por escravo.

Todas estas facilidades  
Têm a inveja experimentado  
E assim tem estado  
Todo o mundo confiscado.

Diz-me pois Lusbel formoso  
Pela inveja motivado  
Foste pela soberba  
Ao inferno condenado.

Como posso acreditar  
Que no mundo haja nascido  
Para remédio de todos  
O Messias prometido.

*Fala o Diabo com muita ira e soberba, como que desesperado:*

Suspende-te inveja que ardo  
Em fogo tão acendido  
Que não posso crer que seja  
O Messias já nascido.

INVEJA

Pode-lo *querer* por teu mal

Que foi esta noite nado  
Daquela Virgem Maria  
Com quem José está casado

DIABO

De que Maria me falas  
Olha que não será ela  
Que dizem as *professias*  
Que há-de nascer o Messias  
Da casa de Israel?

De uma Virgem nascido  
De que eu vivo desconfiado  
Quem é essa Maria  
Com quem esse homem está casado?

INVEJA

Isto que tenho dito  
Podes crer por teu mal  
Que bem podem estar casados  
Com voto de castidade.

DIABO

Todo a minha ciência  
Ainda a não tenho perdido  
Eu só perdi a graça  
Quando fui submergido.

Não sei *consertexa*  
Mas não fico obrigado  
Pois ainda não veio ao mundo  
Quem o livre do pecado.

INVEJA

Pois não basta que tu o digas  
Para estares assegurado?

DIABO

Direi que a Inveja  
Sabe mais que o Diabo.

INVEJA

Pois digo-te que a ciência  
Podias tu ter estudado  
Quando afundado em soberba  
Ao Inferno foste lançado.

DIABO

Vai-te de mim maldita  
Ao pavio comparada  
Para derreter a cera  
Que se queima em viva brasa.

Vai-te que nem ver-te quero

---

<sup>32</sup> Por “viciiei-os”.

Com tais novas de caminho  
Pois não medra o ambicioso  
Nem quem o tem por seu vizinho.

INVEJA

De maneira como me falas  
Não tenho admirado  
Sabendo que a inveja nascera  
Do coração do Diabo.

Ouve tu os meus conselhos  
Que eu *tus* darei bem cadinos  
Que basta para ser manhosa  
Ser do sexo feminino.

O Messias é nascido  
Escusado baralhadas  
Para tolhermos seus futuros  
Vamos armando laçadas.

DIABO

Dizei o que havemos de fazer  
Posto que sou o mais velho  
Para tentar os pecadores  
Seguirei o teu conselho.

INVEJA

Os pastores vigilantes  
Que vigiam os seus gados  
Donde este Deus é nascido  
Serão primeiro avisados.

Eles são moços solteiros  
Façamo-los namorados  
Para que cegos em amores  
Não vençam<sup>33</sup> os seus recados.

DIABO

Dizes bem, põe isso em obra  
Falar-te-ei quanto quiseses  
Eu tentarei os homens  
Tu tentarás as mulheres.

*Vão-se ambos.*

*Explicações: Entram Belisa, Rebeca e Júlia por uma porta e por outra sai Silvestre, Narciso e "Bulcano".*

*Todos vestidos de pastores, para cada parte haverá uma sombra onde se escondem os tentadores de cada sexo.*

*Entra Vulcano com um tição; espantado diz:*

Hei-de queimar a cabana  
Esta noite sem remédio  
Para ver se posso queimar  
Este ratão do inferno.

SILVESTRE

Quem te assustou borrachão?

VULCANO

Está aqui um ratão.

SILVESTRE

Posto que te encontraste  
Com a borracha do vinho  
Queres queimar a cabana  
Por lá veres um ratinho?

VULCANO

Ratinho! Ratão endiabrado  
Tem cinco palmos de rabo  
Alguns doze de comprido  
E tem um corno retorcido.

Tem o nariz tão comprido  
Como o banzo duma cancela  
E a boca tão rasgada  
Que lhe chega de orelha a orelha.

SILVESTRE

Vai-te daí maçador  
Tira-te dessa loucura  
Viste no mundo algum dia  
Rato de tal estatura?

*Vão-se à cabana. Sai Júlia irada, com grande susto, pela porta das "femininas", com uma brasa nas tenazes e faz menção de queimar a cabana.*

BELISA

Que fúria ou que asneira?

JÚLIA

Queimar uma feiticeira  
Que anda nesta cabana  
Tão meiga e tão sensual  
Que é o pecado mortal  
Se a vista não me engana.

BELIZA

Pelo atento estás louca!!!

JÚLIA

Mulher é mas não traz touca  
Traz uma saia dobrada

<sup>33</sup> "Ouçam", na edição do GEFAC.

Ao modo de *tiracol*  
 Não é coisa que se veja  
 Ou ela é a inveja  
 Ou mesmo é o demónio.

BELISA  
 Que negócio pode ter a inveja  
 Com todos nós pastores  
 Sem malefício nem benefício  
 Em que possa haver favores.

JÚLIA  
 Julgas que o ser pastor  
 Não é ofício também  
 Rebeca tem-te inveja  
 Por Silvestre te querer bem.

BELISA  
 Rebeca, cara de riso  
 Pois não basta que Narciso  
 Te pretenda para esposa  
 Para ser cobiçosa  
 Ou que a mim me queira  
 Silvestre por sua dona.

JÚLIA  
 Narciso por ti se morre  
 Pois me disse o outro dia  
 Que abraçar-te por esposa  
 Era o que mais pretendia.

BELIZA  
 Pois que resposta darei  
 Júlia a tal pretensão?

JÚLIA  
 Silvestre, mais entendido,  
 Narciso, mais galante,  
 Parece que ambos te querem  
 Escolhe qual tu quiseres  
 Porém olha que o escolher  
 É perigoso nas mulheres.

BELIZA  
 Confusa estou Júlia  
 Pois te digo na verdade  
 Que o escolher é fortuna  
 E acertar facilidade<sup>34</sup>.

Narciso por mais formoso  
 Mais *bezarro* me parece  
 Silvestre mais entendido

Maiores glórias merece.

A *formusura* desvanece  
 O desvanecimento é loucura  
 É mesquinho *precepício*  
 Amor só é *formusura*  
 Conhecimento só é vício.

Mas se com este<sup>35</sup> juízo  
 Quero a Silvestre por dono  
 Se ele estima a Rebeca  
 Tal ficarei eu! Como?

Mais me valera dizer  
 Em que o ter experimentado  
 Que a *formusura* é dote  
 E dote bem abonado.

O abono é riqueza  
 É que nem o risco anseio  
 Pois não há pobre sem baixeza  
 E se Narciso me ouvisse  
 Aquele ou outro arrojado  
 Não queria ser meu  
 Se não só meu agastado.

JÚLIA  
 Parece que oiço barulho  
 Na cabana de Silvestre  
 Senhora, vá-lhe falar-lhe  
 Antes de que nada lhe preste.

*Atravessa o tabuado e vai ter com Silvestre.*

BELIZA  
 É por ventura Silvestre  
 Quem eu oiço falar?

SILVESTRE  
 É por ventura Beliza  
 Que me vem procurar?

BELIZA  
 É que *anciosa* anda  
 Silvestre, por te falar?

SILVESTRE  
 Pois chegaste a má hora  
 Para podermos falar  
 Está uma ovelha a parir  
 Quero dar-lhe de cear.

<sup>34</sup> Na edição do GEFAC lê-se “felicidade”.

<sup>35</sup> “coneste”.

Espera aqui que eu já volto  
Olha que eu sou teu amigo  
Olha não fales a outro  
Porque eu não sou teu trigo.

*Vai-se Silvestre e Vulcano com ele. Beliza atrás de Vulcano.*

BELIZA  
Vulcano, vai devagar  
Que razão tem teu amo  
Para não querer falar?

VULCANO  
Se tu estivesses parindo  
Sem teres quem te ajudasse  
Não dirias “aqui d’el rei”  
Contra quem te ali deixasse?

Pois assim são as ovelhas  
Não me estejas com porfias  
Porque o parir não pode  
Ficar para outros dias.

BELIZA  
Ora porventura Silvestre  
*Querá casar comigo?*  
Tu nunca lhe ouviste nada  
Para saber se é meu amigo?

VULCANO  
Tanto amor me tivesse  
A tua criada Júlia  
Que morro só por a ver  
Mas nunca a pude na cabana colher.

Quando com o gado andamos  
Parece uma meiga solta  
Quando nos juntamos  
Logo o gado à serra dá volta.

BELIZA  
Que dizes do que te digo?

VULCANO  
Eu sou muito seu amigo  
Morro só por a ver.

Silvestre por sua mercê  
Anda sempre ocupado  
Mais amor lhe tem a si  
Do que a todo o gado.

*Esconde-se Rebeca na sombra ficando só Júlia. Sai Narciso pela porta das “femeninas” e diz:*

Júlia, ficaste só? Onde foi tua senhora?

JÚLIA  
Foi falar com Silvestre  
Mas acha-se com Vulcano.

NARCISO  
Ora tu não lhe dirias  
Que eu morro por seus amores?

JÚLIA  
Para apartar-te de Vulcano  
Fizeste quanto quiseste.

NARCISO  
Diz-lhe que eu a procuro  
Que não procure Silvestre  
Se ele é mestre de doutrina  
Também eu de amor sou mestre.

JÚLIA  
Pois se és mestre de amores  
Diz-me como alcançarei  
A Vulcano por esposo  
E em tudo te servirei.

NARCISO  
E só julgo conseguido  
Porque eu mandarei  
Que a ti somente queira  
Sem outra ordem de ti.

JÚLIA  
Pois se queres a Beliza?  
Correrei chamar por ela.

NARCISO  
Que me queira por amante  
Pois eu não sigo outra estrela.

*Dá Júlia três passos e diz:*

Beliza, senhora minha  
De quem se está queixando  
Por ventura seus amores  
São os que logram a Vulcano?

BELISA  
Há despropósito maior  
Eu não busco a Vulcano  
Mas busco o seu senhor.

NARCISO

Amor louco! Amor louco!  
Diz-me pois Beliza ingrata  
Que desculpa me há-de dar  
Que sendo eu Narciso  
Tu não me queres falar.

Nunca durmo que descanso  
Nunca como que me preste  
Sempre louco por te ver  
E tu louca por Silvestre.

BELISA

Céus! Que resposta darei  
A demanda tão galante  
Só basta o nome de Narciso  
Para prova de amante.

Vejamos se este elogio  
É obra do primoroso  
Não Silvestre que me deixou  
No campo como um tojo.

*Enquanto isto passa estão sempre o Diabo e a  
Imveja, cada um de sua porta e a cada passo  
chegando o ovidio.*

SILVESTRE

Ora, senhora Beliza  
Estejamos em nosso vagar  
Que a ovelha parida  
Já eu fui amparar  
E tem um cordeiro macho  
Que é um belo exemplar.

Ó Silvestre, como é isto?  
Tu não a vês com Narciso?

SILVESTRE

De Narciso estou falando  
Mas não sei com que juízo.

REBECA

Com juízo de amores  
Pois tu não sabes isso?

BELISA

Silvestre, para mim já a ovelha  
A quem foste amparar  
Ou tu me aborreces muito  
Ou tu não sabes amar!

SILVESTRE

Depois em nos casando  
Serei obrigado a assistir  
A teu mando  
Mas por enquanto menina  
O que mais me importa  
É o gado que estou vigiando.

BELIZA

Isso em ti é fingido  
Que tu não podes negar  
Se tu *quizeses* comigo casar  
Não irias ao gado  
Sem primeiro me falares.

SILVESTRE

Isso é ignorância  
Dessa maneira falar  
Porque a minha obrigação  
Está em primeiro lugar.

BELISA

Ora pois dá-me o desengano  
Se nos havemos de casar  
Eu a que venho aqui  
Ou para que te mandei chamar?

REBECA

Silvestre, olha o que te digo  
Não te deixes enganar  
Olha que com Narciso  
De amores estava a falar.

BELISA

Rebeca, ó tentação  
Para que me vens tentar?  
Quanto tu amas Narciso  
Eu não vou lá estorvar.

SILVESTRE

Nesse falar em amores  
Me fazeis desconfiar  
Não sabes que a Lei de Deus  
Não deixa namorar.

NARCISO

É porque eu a procuro  
Que te vejo namorar Beliza  
Com grande afecto!!!

SILVESTRE

É porque eu a procuro  
Que Deus o permita  
E cá deixou estabelecido  
Porém nunca consentiu

Que se usasse amor ilícito.

Por isso haveis de atender  
Muito bem o que vos digo  
Que se namorar...  
Se há-de haver comigo.

Se vós *quiserdes* casar  
Como eu quero fazer  
A graça de Deus vos cubra  
É o que vos posso dizer.

VULCANO  
Tanto negro casamento  
Tomara eu bem que comer  
Que ainda hoje não tive lugar  
Sequer de migas fazer.

Estou morto de fome  
Porém não vejo tratar  
Senão em me mandar pr'ó gado  
E não em me dar de cear.

BELISA  
Pois vai tu e Júlia  
Buscar o caldeirão  
Para fazermos as migas  
Aqui temos leite e pão.

Eu com esse borrachão  
Não me meto na cabana  
Que dá-me quando chega  
Beliscos à italiana.

VULCANO  
Júlia, vamos por ele  
Que te digo na yerdaae,  
Que só para fazer as migas  
Te guardarei lealdade.

*Vulcano e Júlia vão buscar o caldeirão.*

NARCISO  
Já vejo que de amores,  
Não consigo fazer nada,  
Vejam se alguma quer,  
Ficar comigo casada.

REBECA  
Isto são noites de Inverno,  
Falaremos devagar,  
Que o falar em casamentos,  
É para depois de cear.

*Sai Vulcano com o caldeiro, Júlia com um jarro de leite, pão e colheres. Deita o pão no caldeiro e dá uma colher a cada um.*

SILVESTRE  
Ora vamos a cear,  
Para quentar a barriga,  
Para zombar da geadá,  
Que a noite está muito fria.

VULCANO  
*Vêdes aque* a borracha,  
Deus a livre de iguarias,  
Isto é melhor *euguento*  
Do que têm as boticarias.

NARCISO  
Ora já temos ceado,  
Vamos a ver do que se há-de tratar.

VULCANO  
Eu estou morto com sono  
Quero-me logo deitar.

SILVESTRE  
Pois durmamos e sosseguemos,  
Mas vamos a vrer o gado,  
E cada um olhe primeiro,  
Ao que está mais obrigado.

*Deitam-se a dormir, sai o Diabo e a Inveja.*

DIABO  
Deixa-te desses conselhos,  
Que te trazem enganado,  
São conselhos de mulheres,  
Que sempre trazem o som cavo.

Quando julguei que as metia,  
Em lascivos pensamentos,  
Então as acho conformes  
Em o santo casamento.

Quero agora prendê-los,  
Com esta cadeia de ferro,  
Para que não oiçam novas,  
Nem do Céu nem da Terra.

INVEJA  
Pois eu te ajudarei,  
Mostra cá essa cadeia,  
A mim o que mais me magoa,  
É a felicidade alheia.

*Prendem Vulcano.*

VULCANO

Diabo! Diabo! Diabo!

DIABO

Anda tosco malhadeiro,  
Homem vil de baixa sorte,  
Anda traz presa a corrente  
Para os calabouços da morte.

VULCANO

Ai que dragão do inferno  
Ó almas do Santo Limbo  
Ó Silvestre! Ó narciso!  
Acudi-me aqui senhores  
Que só em ver esta figura  
Considero os meus ardores.

Não pode haver coisa pior  
Em todo o mundo inteiro  
Do que é terem os homens  
O diabo por conselheiro.

DIABO

Anda, virás arrastado, Vulcano!

VULCANO

Antes te leve o Diabo.

DIABO

Anda, serás arrastado.

VULCANO

Ó meu Deus Onnipotente!  
Ó general São Miguel!  
Ó anjos do Céu império  
Matem este Lúcifer.

*Sai o Anjo com a espada de fogo e diz:*

ANJO

Oh! Soberbo, vil e baixo  
A quem queres atormentar  
Hoje se acabou o tempo  
De encheres o teu lugar.

Hoje com nova licença  
Me foi mandado aqui  
Pela milícia celestial  
Pegar em armas contra ti.

Hoje que os recebam  
O que o homem faz perdido

Abrindo do céu as portas  
Com um homem prometido.

*Faz o Anjo resistência ao Diabo.*

ANJO

Tu não conheces Miguel  
Fortaleza divinal  
Quando do Céu te desterrou  
Para o fogo infernal.

Tu não estás atormentado  
Dos fortes rigores meus  
Não te lembras de ouvir  
A grande sentença de Deus?

Vai-te para o fogo do Inferno  
Não prendas este pastor  
Que é obreiro divino  
E guarda em seu favor.

SILVESTRE

Ó Vulcano, donde saiu  
Esse vil sempre eterno  
A quem o anjo sagrado  
Sepultara no Inferno?

VULCANO

Não lhe disse logo à noite  
Que eu visse na cabana  
Não o *quiz* queimar logo  
E mais a outra magana.

SILVESTRE

Amigos e companheiros  
Podemos crer que é certo  
A visão traz em si  
Grande mistério encoberto.

Lá dizem os profetas  
Em suas *professias*  
Que da Terra da Judeia  
Havia de vir o Messias.

E outro sinal não dizia  
Senão com grande fervor  
Que o mundo será governado  
Por um só imperador.

Em outra ocasião  
Me lembro de ouvir dizer  
Que na cidade de Belém  
Havia de Deus nascer.

E destes sinais que digo  
 Todos têm já chegado  
*Vir-nos-há* este aviso  
 Que o Messias é criado.

E de ouvir dizer  
 Que Ele há-de chegar  
 Nascido em Belém  
 O havemos de encontrar.

NARCISO  
 Pois é tão grande o senhor!!...

SILVESTRE  
 Há-de ser o Padre Eterno  
 E o seu divino amor.

NARCISO  
 Pois ambos hão-de ser pais  
 Então quem há-de parir?

SILVESTRE  
 Há-de ser uma donzela  
 Descendente de David.

NARCISO  
 Ponhamo-nos a meditar  
 Neste ponto tão sabido  
 E Vulcano guarda o gado  
 Com muito grande sentido.

Mas se ela há-de ser virgem  
 Quem o há-de haver parido  
 Então não há-de ter pai  
 Nem humano nem divino.

SILVESTRE  
 Ele tem enquanto Deus  
 Fonte de nosso fervor  
 Deixamos esses argumentos  
 Que não são para pastores.

Ponhamo-nos em *oração*<sup>36</sup>  
 Que é o que devemos fazer  
 Para termos a sua ajuda  
 Quando lá o formos ver.

VULCANO  
 Se ele é o Senhor do Mundo  
 Que lhe *leverei* eu a Ele?  
 Se ele pode comer de tudo  
 Vestido de ouro e peles.

*Sai Simão em traje de sacerdote e diz:*

SIMÃO  
 Alto Deus de Israel  
 Já que me destes por sorte  
 Posto que sou indigno  
 De chegar a sacerdote.

Sou administrador  
 Deste Vosso Templo Santo  
 Por Vosso Santo Amor,  
 Concedei-me a bênção entretanto

*Vem Maria e ajoelha.*

SIMÃO  
 Pura e casta menina  
 Vejo-me *admirado*  
 E não fico satisfeito  
 Sem que tomais o estado.

Por vossa exemplar vida  
 Preciso satisfazer  
 Ao vosso merecimento  
 Que vos hei-de conceder?

É com esta minha vontade  
 Que vós tereis de casar  
 Pois esse é o estado  
 Que vós tereis de tomar.

MARIA<sup>37</sup>  
 Meu Sábio Santo e Senhor  
 Sou vossa do coração  
 Porém muito alheia  
 Com a vossa resolução.

Não somente de ser alheia  
 De muito menos idade  
 Mas porque fiz ao Altíssimo  
 Voto de castidade.

SIMÃO  
 Suposto que tendes  
 Voto de castidade  
 O que muito me agrada  
 Dessa tão tenra idade.

Vós *haveis-de* obedecer  
 Às leis do mesmo Senhor

<sup>36</sup> Por “oração”.

<sup>37</sup> Na nossa versão, certamente por lapso, estas palavras não são atribuídas a Maria.

Que isso vos determina  
 Todo o vosso grande amor.

MARIA<sup>38</sup>

Eu sempre determinei  
 Neste estado viver  
 Vivendo até à hora da morte  
 Sem outro estado vir a ter.

Pelo amor do meu Senhor  
 Que adoro e venero  
 A quem tomei por esposo  
 Que outro esposo não quero.

SEMIÃO

O vosso firme propósito  
 Rica e bela menina  
 Bem satisfeito me deixa  
 Mas a mim sempre anima.

Originais deste *têmplo*  
 É mister que obedeçais  
 As meninas primogénitas  
 Que neste *têmplo* habitais.

MARIA

Como será possível  
 Meu Senhor, obedecer,  
 Como poderei agora casar  
 Se isso não pode ser?

Fiz voto ao Senhor  
 De o servir de solteira  
 Se me caso não fica  
 A promessa verdadeira.

SIMÃO

Muito vos louvo menina  
 Esse vosso santo anseio  
 Porém Nosso Senhor  
 Não tema tal proveio<sup>39</sup>.

Porque também de casar  
 Ele há-de aceitar  
 Pois esse é o estado  
 Que vós haveis de tomar.

MARIA

Sacerdote santo e justo  
 Que as leis do Senhor guardais

Como temente do mesmo  
 A cumpri-las me obrigais.

Se é a vontade do Altíssimo  
 O que vós me mandais  
 Estou pronta a obedecer  
 Ao que vós determinais.

SIMÃO

Clara e bela menina  
 Vos digo de coração  
 Que estou muito satisfeito  
 Com a vossa resolução.

E já que vos confirmais<sup>40</sup>  
 Com a minha opinião  
 Esposo vos quero dar  
 À vossa satisfação.

E como duvido achá-lo  
 Ao vosso merecimento  
 Quero mandar convidar  
 Os do vosso nascimento.

Da família de David  
 Para nesses escolher  
 O que Deus vos determinar  
 Isso é o que há-de ser.

*Vai-se a Senhora para o átrio.*<sup>41</sup>

MARIA

Altíssimo Senhor  
 De todas as coisas divinas  
 Em meu coração conheço  
 A firmeza que tenho em servir-vos  
 Eu vos dei palavra de pureza  
 Como servir-vos porém?  
 Vosso ministro meu intento faz  
 Se dar é vossa santa vontade  
 Eu não quero recusar.  
*Elustrai-me Deus Divino*  
 O que farei para aceitar.

ANJO

Obedece ó Maria  
 Ao que Deus determina.

MARIA

Ensinai-me a louvar  
 Quem tantos favores me faz.

<sup>38</sup> Estas palavras também não são atribuídas a Maria.

<sup>39</sup> Na edição do GEFAC lê-se “receio”.

<sup>40</sup> Por “conformais”.

<sup>41</sup> Na edição do GEFAC lê-se “oratório”.

*Vai-se. Entra Simão e senta-se. Chegam os três Barões diante dela. José já tem a sua vara pondo-a no mesmo sítio.*

SIMÃO

Uns e outros amigos  
Hoje o Céu escolhe  
Para jardim da melhor flor  
Da açucena mais nobre  
Recosto da melhor árvore  
Norte da mais pura estrela  
O que aqui entre vós fôr  
Escolhido para ela  
Há-de ser feliz esposo  
Da filha de Joaquim  
E Ana sua consorte  
Deus assim o determina.

BARÕES

Eu não mereço, não, não  
Eu não mereço tal sorte  
Eu não mereço a dita  
De receber esta consorte.

SIMÃO

Em nada podeis escusar-vos  
Pois para esse fim mandei chamar-vos  
Da família de David  
Não vos podeis defender  
O que Deus determinar  
É o que vem a ser.

TODOS

Eu não mereço, não, não  
Eu não mereço tal sorte  
Eu não mereço a dita  
De receber esta consorte.

SIMÃO

Obedecei ao mandado  
Estas varinhas tomai  
Sequinhas como estão  
Com viva fé orai.

Aquele que Deus de Israel  
Que nelas queria mostrar  
Algum sinal evidente  
Daquela que a há-de levar.

*Ajoelhados. Dá-lhe as varas ajoelhados, deitam-nas no chão e José tira a sua com flores. Simão diz para o céu:*

Nesta hora declarei  
Ó meu Deus de Israel  
Quem há-de ser o esposo  
De Maria tão fiel.

*Elevam-se todos. Olhando para José se admiraram pasmados de lhe ver a vara [florida] e muito mais fica José.*

JOSÉ

Ó Deus piedoso  
Eu estou louco ou *turbado*  
Ou é defeito da vista  
Ou a vara foi trocada.

TODOS

Ditosa e feliz sorte  
E felicíssima sorte  
Ditoso e feliz José  
Tem Maria por consorte.

JOSÉ

Vós me estais a lograr  
Vós trocastes-me a vara  
Esta prenda não é minha  
Esta vara foi trocada.

TODOS

Ditosa e feliz sorte  
Sorte que há-de saber é  
Oh que tão bem empregada  
Maria para José.

JOSÉ

Deixai-vos de parabéns  
Tal sorte não posso vê-la  
Eu não mereço ser esposo  
Daquela tão linda estrela.

SIMÃO

Essa é a vossa vara  
Essa é a vossa sorte  
Não duvides que é  
Maria tua consorte.

JOSÉ

Sacerdote justo e santo  
Como pode isto ser  
Dar-me Deus esta fortuna  
Sem eu a merecer?

Sendo velho e barbado  
Pobre sem ter fazendas  
Estando aqui estes mancebos

Abundantes de riquezas.

Sendo ela tão honrada  
E menina tão formosa  
Como pode querer um velho  
Para ser seu esposo?

SIMÃO

É para vós escolhida  
Disponde os *disposários*  
E com ânimos fervorosos  
Pedi a Deus auxílios.

JOSE

Deus de Israel soberano  
Por Vossa Omnipotência  
Pois que a vossa Providência  
Governe o governo humano.

Declarei este ramo  
Que virtude pode ter  
Não haja para aqui serpente  
Que nele se vá esconder.

Meu afecto me procura  
A viver em lealdade  
Nessa mesmo me confio  
Sendo da vossa vontade.

Querendo minha esposa  
Ouvir a lealdade  
As flores me são esposas  
É essa a minha vontade.

Porém, Maria aqui está  
Quero chegar a falar-te  
Prima e senhora minha  
Aqui estou para adorar-te.

MARIA

Esposo, querido senhor  
Aqui está quem há-de ser  
Serva e escrava vossa  
Para sempre vos obedecer.

JOSE

Alegra-se esta minha alma  
Minha esposa querida  
Entre os meus parabéns  
Suas públicas ditas.

Já este ramo que vedes  
Anúncios da dita tem  
Parece-me a Primavera

Com suas flores também.

Anúncios vem dar  
De uma glória tão singela  
Parece a anunciação  
Que baixou do Céu à terra.

42

A minha dita esposa  
Para eu te explicar  
A minha voz me impede  
A língua me faz tardar.

Para que somente possa  
O que é prazer usar  
Só o silêncio sem *vós*<sup>43</sup>  
O pode manifestar.

*Sai José confuso e diz:*

JOSE

Enlevado das minhas dúvidas  
Confuso dos meus presságios  
Aflito de minhas pernas  
Morte dos meus afagos.

Nadando num mar profundo  
De lágrimas que eu choro  
Deixo a minha esposa  
Metida em oratório.

Pedindo humilde venho  
Aqui para este retiro  
Pedindo a Deus do Céu  
Que queira dar-me alívio.

Eu vos prometi Senhora  
De guardar a virgindade  
Sem me ser isso penoso  
Sendo da vossa vontade.

Pois para consolação  
De conservar alegria  
Basta-me ver os olhos  
De minha esposa Maria.

Vós, descendente de David  
Seu pai heroísmo tem  
Venham todos sem que haja  
Um só que fique além.

<sup>42</sup> Na versão do GEFAC estas duas estrofes são atribuídas a Maria.

<sup>43</sup> Por “voz”.

Pois com lágrimas choro  
De perder tão alta prenda  
É preciso não prendê-la?  
Que Deus de tal me defenda.

Vendo a sua formosura  
Que estou bem duvidoso  
Oh, que prenda sem consolo  
Que nem sei o que resolva.

Dai-me uma luz, Senhor,  
Destas trevas em que estou  
Tirai-me do grande mar  
Em que afogado vou.

ANJO

Recebe esta esposa  
Não temas ó José  
Pois o ser tua esposa  
Do grande Deus ela é.

É a criatura mais bela  
Dotada de castidade  
Faz voto sem ter *mestre*<sup>44</sup>  
De guardar virgindade.

Pois consta nas escrituras  
Ser mais velha que Raquel  
Mais graciosa que todas  
Excedendo a estéril.

JOSÉ

Com estes alegres ditos  
Em minha alma são notórias  
Minhas penas em que vivo  
Resolveram-se em glórias.

A maior felicidade  
De ter tão casta esposa  
Sorte como é a minha  
Sendo ela tão formosa.

*Sai José e Maria. Venha José e Maria diante de  
Semião:*

SEMIÃO

Sejam muito para bem  
Esta vinda tão ditosa  
Esta nobre sociedade  
De José e sua esposa.

JOSÉ

Esta união tão perfeita  
Não há outra como ela  
Aqui está já o Norte  
Daquela tão linda estrela.

*Semião diz para os consortes:*

Aqui está já aquela estrela  
O Norte mais exaltado  
O vosso mais precioso bem  
Digno de ser estimado.

É um ilustre tesouro  
Unido com esta flor  
Que enriquece todo o mundo  
Com o seu ilustre Senhor.

*Toquem. “Dêem” das mãos.*

Será Maria primeiro  
Na virtude e no exemplo  
Quem há-de obedecer a José  
Fora e dentro do templo.

Será a luz e a aurora  
Que ilustrará seus sentidos  
Conseguindo do Senhor  
Seus verdadeiros desígnios.

*Toquem. “Dêem” das mãos.*

SEMIÃO

Minhas ricas prendas  
Ide na paz do Senhor  
Obedecei a seus preceitos  
Por seu divino amor.

Obedecei um ao outro  
Com paz e felicidade  
Abençoados sejais  
Pois é a minha vontade.

JOSÉ

Adeus sacerdote santo  
Adeus doce companhia  
Adeus *têmplo* sagrado  
A quem eu tanto queria.

MARIA

Graças vos dou Altíssimo  
Pelos grandes benefícios  
Que por Vossa onipotência

<sup>44</sup> Por “mester”, isto é, “obrigação”.

Hoje em mim são recebidos.

*Diz José e Maria:*

Aqui está meu doce esposo  
Nobre José primo meu  
Esta indigna esposa  
Que Deus para vós escolheu.

JOSE

Ó estimada esposa  
Eu para vós estou eleito  
Tributando-vos amor  
Que procede do meu peito.

*Dorme José.*

*Anunciação.*

*Sairá a Senhora para o oratório onde será o átrio da Anunciação. Posta de joelhos, com os olhos na escritura, com muita pausa diz:*

MARIA

Enquanto meu querido esposo  
Em doce sono repousa  
Quero atenta e mais que saudosa  
De Isaías de onde suspensa estou,  
estes dias. Auscultar na minha alma  
os mistérios que ela nota.  
Tão ocultos como grandes eles são!  
Oh monarca da glória,  
Benigno Deus de Israel  
Com que vontade heróica  
A vós como farrapo humilde, me entrego,  
pronta  
a obedecer à tua dedada poderosa.  
No capítulo sétimo, Isaías assim o diz,  
que uma Virgem de nome Maria, em bem  
terá  
um filho que dará ao mundo [luz] e glória.  
Pode haver maior ventura, do que esta que  
estou vendo? Como alma minha não  
despede  
estas belas recordações, pois tão sublimes  
elas são. Nada temas tu, bendita e  
clara, Estrela e Lua formosa, pois que  
do Sol da Justiça haveis de ser a bela  
Aurora.  
Céus que mulher tão divina  
Que mulher tão virtuosa  
Oh quem a chegará por fortuna a  
conhecer!!!  
Oh quantos justos tem o mundo!  
Que honra chegar a ser escrava  
Desta divina mãe do sol

Que Israel ilustrará com a sua glória.  
Pois ela está já no mundo,  
Segundo afirmam as profecias,  
Deus, a quem minha alma adora  
Se Vos não ofendem tristes rogos  
Se Vos aguardam<sup>45</sup> minhas palavras  
Se Vos enterneceis do meu pranto  
Permiti que eu conheça essa  
Divina donzela.

As mesmas letras o afirmam ser  
Descendente de David  
Mas eu por minha pobreza  
Não mereço esta sorte! Esse fim!  
Com espontaneidade fiz  
Verdadeiro voto de castidade  
Contudo casei com este barão.  
Ele fez o mesmo voto  
Oh quem será tal soberana!  
Quem será tal donzela?!..

*Anunciação do Anjo:*

ANJO

Ave Maria, gratia plena Dominus  
Tecum Benedita tu in Mulieribus.

Benedita és tu entre as mulheres...  
Virgem Maria não temas  
Em me ver aqui presente  
Porque sou um embaixador  
De Deus Omnipotente.

Entre todas as mulheres  
Vós sois a escolhida  
Sois mais perfeita de todas  
Sem pecado concebida.

MARIA

Céus! Que é isto a esta hora, gentes?

ANJO

Aqui venho enviado  
Daquele Deus Omnipotente.

MARIA

Confusa estou turvada  
Com o que oíço agora  
Não posso compreender  
O que é isto a esta hora.

ANJO

---

<sup>45</sup> Por “agradam”.

Deus vos salve, Maria  
Cheia de graça e amor  
Pois o Senhor é convosco  
Por união singular, Senhora.

MARIA  
Suspensa, estou confusa,  
Com esta saudação  
Com ela se abre meu peito  
Revive meu coração.

ANJO  
Não temas o que achaste  
Nos olhos do Padre Eterno  
Hás-de conceber e vir a ter  
Um filho unigénito.  
A quem chamarás Jesus  
Que será grande chamada  
Filho de Deus ocupando  
De David o reinado.

É da casa de Jacob  
Para sempre reinará  
O seu reino será eterno  
Nunca mais acabará.

MARIA  
Fiz voto de castidade  
Isso já não pode ser  
Eu não conheço varão  
Nem o posso conhecer.

ANJO  
Sem conhecerdes o varão  
Vós haveis de conceber  
E ter um filho ficando virgem  
Pelo Divino poder.

Por isso sobre vós virá  
O Divino Espírito Santo  
E a Virtude do Altíssimo  
Vos abrirá entretanto.

E de vós há-de nascer  
O Santo Rei de Israel  
Que será filho de Deus  
Jesus Cristo Esmael<sup>46</sup>.

Pois sabeis que vossa prima  
Estimada Isabel  
Concebeu há seis meses  
Sendo ele<sup>47</sup> já estéril.

Pois essa é a vontade  
Daquele Divino Senhor  
Que tudo pode e promete  
Por seu divino favor.

*Sai o Anjo e solta uma pomba.*

MARIA  
Aqui estou ó Senhor  
Vossa serva e escrava  
Pois faça-se em mim  
Segundo a vossa vontade.

Deus mensageiro e santo  
Que deixais a minha alma  
Toda cheia de prazer  
Com esta embaixada.

*Dá graças.*

Altíssimo Senhor, soberano eterno  
Poderoso Rei e Senhor Infinito,  
Todas esses *córos* angélicos  
Essas *putestades* sublimes  
Dessas celestiais heresias<sup>48</sup>  
Vos dou louvores e graças  
Por tantos benefícios que já recebi  
Como assim vos dignastes lembrar  
Desta humilde pobreza  
Havendo no mundo pessoas de maior  
Virtu[de] e riqueza  
Campos, vales, flores e aves  
Mares, rios e astros  
Ajudai-me a louvar  
Quem tantos favores me faz.

Ó almas dos Santos Padres  
E profetas verdadeiros  
Já se queixam nesse limbo  
Pela vinda de Deus verdadeiro.

Quando o meu esposo José  
Souber de dita tão exaltada  
Oh que alegria! Oh que prazer!  
Que gozo sente minha alma!

<sup>46</sup> Na edição do GEFAC lê-se “Emanuel” e no “Colóquio de Adão e Eva”, editado pelo Padre Firmino Martins, *Folklore do Concelho de Vinhais*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1928, vol. II, p. 209 encontramos “Manuel”.

<sup>47</sup> Por “ela”.

<sup>48</sup> Na versão do GEFAC lê-se “delícias” o que, de facto, nos parece mais apropriado neste contexto.

Vendo que no meu ventre está  
A Santíssima Trindade  
Fazei Senhor que ambos juntos  
Façamos a vossa vontade.

*Cantam os anjos.*

*Visitação de Santa Isabel e Zacarias. Diante deles  
sairá Bate cantando e bailando.*

BATE<sup>49</sup>  
Donde virão tantas glórias  
Que escuto e não vejo  
Parecem-me coisas divinas  
Valha-me o Céu que festejo.

*Cântico de pastores.*

Que música será esta  
Que me faz endoidecer,  
Donde seu princípio tem  
Não posso conhecer.

*Cantam.*

Mas ai que admirado me tem  
No meio de tanta glória  
Uma Senhora lá vem!...

ISABEL

Bato, tu não divisas  
Músicas tão singulares  
Que estou suspensa de ver  
E que não posso alcançar.

BATO<sup>50</sup>

E os meus ouvidos logram  
Mas não sei explicar  
Nem a boca nem a língua  
O sabem *pronunciar*<sup>51</sup>.

ISABEL

Vê se podes compreender  
De onde nasce tal prazer  
Pois música com esta  
Só do Céu pode descer.

BATO

Eu vi, mas foi de cá de longe  
Por isso não conheci  
Não sei o que possa ser  
Outra tal ainda não vi.

Serão os vossos pastores  
Que vêm conhecer  
Pois de estarem longe  
Não chegastes a conhecer<sup>52</sup>.

Pois a todos dá prazer  
Esta grande novidade  
Alguns não cabem na pele  
E eu sou um na verdade.

ISABEL

Novidades que experimento  
Não compreendo na verdade  
Se são de Deus de Israel  
Ou efeitos de piedade.

Tal gozo em minha casa  
Tão suaves alegrias  
São mistérios do Altíssimo  
Estando mudo *Zecarias*.

PASCOAL

Novidades que experimento  
Não compreendo na verdade.

Pasmado estou Senhor  
E admirado me vejo  
Ver alegrias tão grandes  
Com tão ilustre festejo.

ISABEL

Pascoal, tu que me dizes  
Tu não podes compreender  
Tão singulares alegrias  
Donde podem proceder?

PASCOAL

Vós Senhora não sabeis  
Uma grande maravilha  
Que ilustra o meu coração  
Todo o corpo e alma minha.

As árvores lançam flores

<sup>49</sup> “Bate” ou “Bato” é um dos pastores que, nas outras versões aparece com a forma “Balo”.

<sup>50</sup> Na nossa versão esta estrofe é atribuída a Isabel.

<sup>51</sup> Nas outras versões lê-se “pronunciar”.

<sup>52</sup> Nesta versão, estes dois versos não parecem ter muito sentido. Cf., pois, a edição do GEFAC e do Padre Firmino Martins onde se lê, respectivamente: “Pois de estéril / Chegastes a conceber”; “pois vós de velha estéril / chegastes a conceber”.

As aves cantam suaves  
Que mostram uma nova  
Primavera na verdade.

ISABEL

Eu não alcanço  
Nem posso compreender  
Tira-me deste cuidado  
Diz-me o que quer isto dizer.

PASCOAL

Vós, Senhora, não sabeis  
Que a esposa de José  
É chegada a vossa casa  
Maria de Nazaré.

Os pastores a acompanham  
De vontade muito férrea  
Deixando os seus gados  
No alto cume da serra.

ISABEL

Mais que feliz e ditosa sou  
Se minha prima Maria  
Me vem ver a minha casa  
Dando-me tanta alegria.

Ó meus felizes pastores  
Expandi a alegria  
Pela ditosa e feliz vinda  
De minha prima Maria.

Despejai vossas cabanas  
Mostrai vossa bizzarria  
Já os montes *floreçam*  
Com a vinda de Maria.

Chegai-vos com alegria  
Vinde-me a acompanhar  
Que eu a vou receber  
A que é a estrela do mar.

PASCOAL

Isabel, minha Senhora  
De que vos serve afadigar  
Os pastores de vossa prima Maria  
Já ali vêm a chegar.

Ela vem diante deles  
Vem-lhes servindo de guia  
Eles vêm cantando hinos  
De singular alegria.

*Junta-se Maria e diz:*

Deus te salve minha prima  
Estimada Isabel  
Quanto gosto já recebo  
Por teres deixado de ser estéril.

ISABEL

O Senhor venha convosco  
Rica jóia prenda minha  
Pois a consolar-me vindes  
Com tal gozo e alegria.

A vossos pés me dais licença  
Eu ofereça minha vontade  
Pois que me vieste dar  
Muitas honras na verdade.

*Abraçam-se e Maria diz:*

Dá-me a glória de teus braços  
Para com eles formarmos  
Eternos e  
Amorosos laços.

ISABEL

Que ninguém haverá no mundo  
Para que eu explicar possa  
O que a minha alma recebe?  
E que em meu ventre se celebrem  
Os mistérios mais altérrimos  
À vossa vista nascidos?

Pois o fruto de meu ventre  
Se humilhou reverente  
A esses mistérios sublimes  
E a esses prodígios. Já veio  
Prima e Senhora minha  
Que vós sois excelsa  
dama que quaisquer nobreza em si  
encerra. O mais belíssimo tesouro.  
Vós sois a arca fechada  
A quem o Eterno Padre  
Escreveu as mais excelentes letras  
Para os sábios do mundo inteiro  
As usem desvelos  
Vós sois aquela donzela  
Como a nuvem por entre a qual  
O sol passa os seus dourados raios  
Bendita sejais entre todas as mulheres  
Pois em vosso ventre se encerra  
O fruto da melhor árvore  
Que há-de dar a vida  
E salvar o seu povo venturoso  
Como é possível

Que a mim se concedam tanta graças,  
Tantas honras, que seja visitada pela luz  
Mais esclarecida que é a mãe do sol que  
adoro.

Como mereço tamanha honra  
Sendo eu escrava, Senhora minha!...

MARIA

Prima e Senhora  
Ó Altíssimo Omnipotente  
Fortalecei meu espírito  
Minha alma reforçai reverente  
Pois sendo a mais humilde serve sua  
Me vejo a aclamar por bendita  
Entre todas as mulheres  
Entre as gentes mais estranhas  
Das aldeias, cidades e montanhas  
Estes são os portentos com que o  
Altíssimo  
Favoreceu o seu grande nome  
Pois dignou-se iluminar-se e tornou-me  
Ditosa de impureza  
Sendo a minha guia nesta ditosa jornada  
AbRANDANDO os soberbos  
Que altivos se mostravam  
Engrandecidos benignamente que humildes  
Que miseráveis se chamavam.

ISABEL

Vinde, vinde custódia Santa  
Trazer a vida saudável  
Aos enfermos da primeira culpa  
Vinde luz da Palestina  
Aureolar com vossa divindade o ditoso  
infante  
Dando claros indícios  
Da sua grande dita para meu gozo.

*Abraçam-se e Isabel diz:*

ISABEL

Tornai-me a dar os vossos braços  
Rico cofre  
Donde hoje se dispendem  
Os melhores tesouros  
Para enriquecerem a casa de *Zecarias*  
Que *muito*<sup>53</sup> está  
Como o berço de tanta glória.  
A esperar-vos estaremos  
Arca de ouro em que se muda  
Aquele divino verbo encarnado  
Vamos, exemplo da humilde e divina graça

Vamos e fazei como a águia real  
Que voa pelas montanhas  
Agasalhada com vossas asas  
Esta família que com prazer vos espera  
Vamos, amada prima  
E cantamos aos pastores a vossa misteriosa  
vinda.

*Elas vão ao quarto de S. José. Este, com pausa, diz:*

Suspensei estou confuso, aflito  
Pasmado me considero. Deus Eterno, como é  
possível que meu espírito se não extinguem,  
minhas carnes não sequem, minha língua não  
amorteça?  
Minha alma se não aparta deste infeliz cárcere  
em que a vida sendo como a ilha do fogo que  
se consome com *alteresas* labaredas, para  
subirem aos campos dos heróis tal e qual  
furiosas tempestades!  
Ó Céus! Que mar de aflição! Piedade de Deus  
Eterno! Consolai este ser aflito. Vede quão  
triste e penoso estou, tal como o barco  
nafragando entre as ondas! Ai de mim!...  
Como possível que Maria me ofendesse? Nem  
é possível, ai o que digo!  
Ela crescida do ventre está!...  
Ela não mostra moléstia!  
Donde é só resulta gravidade,  
Sem dúvida está grávida.  
Mas como!... Mas como me *atrevirei* a proferir  
qualquer frase contra a sua grande virtude e  
castidade exemplar?  
É erro, é erro o engano dos meus olhos. Maria  
não me ofendeu, nem é possível, pois Maria é  
mais pura que os Céus.  
É erro, a ilusão minha!... Sou resplendor tão  
luminoso, aquela estrela do mar, aquela guia  
real, aqueles olhos haviam atrever-se a profanar  
sua honra, sua família, sua linhagem? Valha-me  
o Céu, o que é isto?...  
Se afirmo o que os maus olhos vêem, certa  
minha suspeita, pois seu crescido ventre bem o  
manifesta, grávida sem dúvida está!... Minha  
senhora esposa, dai-me favor! Céus!  
Pecados entre tantas angústias e prazeres que já  
conheço! Oh que mentiras, que fantasias! Pois  
será esta a minha dita?  
Mistérios que para meu sossego não consigo  
desvendar, ora é possível e não creio nem  
posso crer que haja mancha.  
É engano, é erro, Maria não me ofendeu, será  
engano dos meus olhos, pois já se me ofusca a  
vista do luzeiro mais famoso?

<sup>53</sup> Por “mudo”.

Talvez será porque os temores cegam a alma, os olhos, não é minha esposa e prima, senhora e filha de Joaquim, daquele tronco de David descendente?

Ela fez voto de castidade para ser entre todas a mais pura e perfeita; não podia ofender-me. Mentem-me os olhos. Pois Maria é muito pura. Mas que vejo, Céus?!... Eu se reparo já estou certo, se me afirmo reconheço ser minha suspeita; sem erro grávida é certo, e mais que certo está.

Oh que mistério! Porém, se está grávida que mistério pode haver?

Todos dirão que é meu filho, mas eu não a conheci. Céus, que aflição tão cruel!

Deus Divino consolai-me! Para dar parte à justiça e acusá-la de adultério, há-de ser apedrejada segundo as leis determinam. Para queixar-me aos parentes é fazer público o adultério que a desonra e despreza!...

Como a posso deixar dar à luz em casa não sendo o fruto do seu ventre filho meu?

Não posso tal consentir!... Divino Deus de Israel, inspirai-me alguma ideia que deva pôr em prática sem que fique ofendido! Por melhor acho ausentar-me e deixá-la para não ofender sua honra.

Antes que seja eu ofendido. Melhor é ir-me embora para terras estrangeiras, desterrado, a viver só aqui entre os parentes e amigos Com desonra e vergonha Mais ai que dor! Que será desta menina sem amparo nem favor, vendo-se entregue à tragadora terra da desfortuna que consome sua honra. Fama?...

Mas não há remédio. Deixá-la e afugentar-me quero. Deus todo poderoso socorrei este velho cansado de aflições; valha-me o Céu!

Que demasiado sono me convida

Pois aqui me quero encostar para ver se encontro no sono algum alívio para as minhas pernas.

*Dorme José.*

ANJO

Acorda, José, acorda!

Pois és ilustre *barão*

Volta para tua esposa

Tira-te dessa aflição.

Sim, é certo estar grávida

Não foi obra de *barão*  
Mas foi do Espírito Santo  
Por divina união.

Tua esposa é aquela  
De que fala Isaías  
De onde há-de vir ao mundo  
O verdadeiro Messias.

*Vai-se o Anjo e José diz:*

Ó doce mensageiro  
Não me deixes  
Não me *suspenses*  
Ó doce embaixador  
Foi-se! Foi-se!...

Fortuna como esta  
Da maior felicidade  
De quantas o mundo tem nota  
Não há outra na verdade.

Uma esposa tão santa  
Do jardim a melhor flor  
Ajudai-me anjos do Céu  
A louvar o Criador.

Volto para minha esposa  
Vou-lhe pedir perdão  
Daquela falsa suspeita  
Que entrou no meu coração.

Mas ai, que digo agora  
Como poderei chegar  
Perante seus belos olhos  
Depois de a ter ultrajada?

Ultrajei sua virtude  
Sua pura castidade  
Sendo uma fina pérola  
Símbolo da virgindade.

Mas não posso escusar-me  
A seus pés me vou render  
Para lhe pedir perdão  
Pois mo há-de conceder.

Formosa luz dos meus olhos  
Norte de minha *vilhice*  
Consolo da minha alma  
Perdoai-me minha doídice.

Perdoai-me, minha senhora  
As atrevidas suspeitas

Com que eu vos agravava  
Nas palavras imperfeitas.

Pois mistérios tão altivos  
Não podia alcançar  
Aqui estou para servir-vos  
Como escravo leal sem par.

Perdoa, Senhora minha  
São coisas da *vilhice*  
Pois considerai Senhora  
Que fiz grande parvoíce.

MARIA  
Amado esposo meu  
Muito bem reconhecia  
Oh honroso tormento  
Que tanto vos ofendia.

Mas não era possível  
Poder eu revelar  
Estes mistérios divinos  
Haveis de me perdoar.

JOSÉ  
Alegre-se todo o mundo  
Ajudai-me a louvar  
Aves, plantas e flores  
Montes e peixinhos do mar.

A louvar tão grande sorte  
Que o Céu me favoreceu  
Oh que ditosa fortuna  
Para quem a não mereceu!

*A vermelho no quarto sairá José com quem anda  
passeando na cidade e voltando para a Senhora,  
dirá o que se ouvir.*

PREGUEIRO  
Todos vão a Belém  
Pagar o tributo a César!

JOSÉ  
Ó clara luz dos meus olhos  
Descanso das minhas aflições  
Agora que eu queria  
Empregar-me em servir-vos  
Diversa fortuna me estava reservada  
Contrariando os meus desejos.  
Pois se deu o pregão, Senhora  
De ir a Belém pagar o tributo  
A César, o que não pode escusar-se,

Desta jornada fazer  
Mas oh! Quanto sinto Senhora  
Ver-vos tão chegada o parto  
E não poder servir-vos  
Como pode a minha boa vontade!  
Mas é missão que não pode  
Escusar-se. Oh! Senhor será connosco.  
Licença me concedeis para a jornada fazer?  
Oh... que pena tenho!

MARIA<sup>54</sup>  
A ver-vos mortificar  
Para mim é padecer  
Mas uma graça vos peço  
Que m'a haveis de conceder.

JOSÉ  
O que graça de vós recebe  
Senhora minha sou eu  
Estou pronto a servir-vos  
Como um escravo o senhor seu.

MARIA  
Tenho tanta glória  
Para mim é tanto bem  
Se queres nessa jornada  
Desde aqui para Belém.

JOSÉ  
Com podereis, Senhora  
Aturar a jornada  
Trinta léguas de comprido  
E tão áspera a estrada.

MARIA  
Quero-vos acompanhar  
Porque indo a vosso lado  
Os tormentos me dão glória  
As penas nenhum cuidado.

JOSÉ  
Vamos meu sol nascente  
Já se esforça meu peito  
Pois já me mitigou nele  
As penas que eu aceito.

Oh que dor sente minha alma  
Por ver-vos preparar  
Vamos rica prenda, vamos  
Para Belém a marchar.

Reforcemos nossos passos

---

<sup>54</sup> Fala atribuída a José, na nossa versão.

Tudo quanto pode ser  
Para buscarmos pousada  
Antes de anoitecer.

Que a noite é chegada  
É grande o rigor do frio  
Deus nos depare pousada  
Antes de a noite surgir.

Alegrai-vos, Senhora  
Que já sinto um rumor  
Julgo que *cêdo* acharemos  
Quem nos faça um favor.

E se acaso me não engano  
Pois é minha vontade  
Já *descurtino* uns muros  
Parecem-me os da cidade.

MARIA  
Deus nos console, esposo  
Com Seu Divino favor  
Pois do frio se não pode  
Suportar o seu rigor.

JOSÉ  
Já minha Senhora estamos  
Na cidade sem perigo  
Esperai enquanto procuro  
Quem nos dê algum abrigo.

*José chama à porta de Jorge:*

Ó lá! Ó lá! Seja Deus aqui!

JORGE  
Olá! Olá! Quem está ali?  
Já havia muito tempo  
Que estava descansando  
Diga lá o que quer  
Senão vá-se escapando.

JOSÉ  
Amigo da minha alma  
Sou José vosso parente  
Que cheio de muito frio  
Venho feito penitente.

Venho eu e minha esposa  
Em vossa casa esperamos  
Esta noite um abrigo  
Pois é o que desejamos.

JORGE

Está um forte parente!  
Ainda com boa traça  
Tais parentes como estes  
Não entram em minha casa.

JOSÉ  
Valha-me o Céu que frio  
Vamos, Senhora, adiante  
Aguardai que eu vou aqui  
Ver se acolhe um viandante.

Chamarei a ver se temos  
Fortuna mais melhorada  
Pois a gente desta casa  
Sempre foi muito honrada.

*José bate à porta de Jacob.*

Olá! Deus lhe dê a sua fortuna.

JACOB  
Que gritarias são essas  
Que temos a esta hora?!...

JOSÉ  
Amigo, peço que obres  
Comigo de piedade  
Venho eu e minha esposa  
Com grande necessidade.

Peço-te que me recolhas  
Não te peço mais nada  
Viemos cheios de frio  
Por quem sois dai-nos pousada.

JACOB  
Se fosses bem procedido  
E tua mulher honrada  
Desde que entraste na cidade  
Já acharíeis pousada.

Muitos, muitos brejeiros<sup>55</sup>  
Me tem hoje enfadado  
Fora lá brejeiros  
Não sejais tão desconfiados.

Zirra, zirra, mandriões  
Zirra, zirra, canalhada

---

<sup>55</sup> Na edição do GEFAC encontramos a forma “forasteiros” quer neste verso quer no terceiro desta estrofe. A forma “brejeiro” aparece, contudo, na edição do padre Firmino Martins.

Que *matrotos*<sup>56</sup> como estes  
Não lhes quero dar pousada.

JOSÉ

Senhora não te enfureças  
Porta-te com paciência  
Que Deus me dará remédio  
Pela sua grande clemência.

Ó Céus! Ó Céus acudi-me  
Ó Deus de suma bondade  
Demovei esta gente crua  
Para que de nós tenham piedade.

Não vos aflijais, Senhora  
Com gente tão renegada  
Vamos aqui adiante  
Que lá nos darão pousada.

Tenho lá um amigo  
Que em tempos regalei  
Amigo sem ter família  
Não sei se o acharei.

Sua boa condição  
Por certo que me faz *crêr*  
Que logo que me ouvir  
Nos virá recolher

*José bate à porta de Lucas.*

Olá! Olá! Senhores

LUCAS  
Quem são esses batedores, José?

JOSÉ

É o vosso amigalhão  
O carpinteiro José  
Bem o podeis conhecer  
Do tempo de Nazaré.

Com o frio não posso  
Explicar na verdade  
A miséria em que venho  
Tende de mim piedade.

Vimos eu e minha esposa  
Cheinhos de frio  
Corremos toda a cidade  
Sem acharmos um abrigo.

Peço-te como amigos  
Que somos há muito tempo  
Que nos faças a esmola  
De nos dares *recolhemento*.

LUCAS

Vai-te escapando maroto  
Antes que a mais passemos  
Que outra casta de gente  
Já cá nós recolhemos.

Não os hei-de deitar fora  
Que são homens verdadeiros  
Para aceitar pobretões  
Fora, fora mendigueiros.

JOSÉ

Ora, Senhor, por mim  
Eu não vos importunava  
Porém por minha esposa  
Que quase trespassada está.

Com grande rigor e frio  
E quase para parir<sup>57</sup>  
Como ficará na rua  
Vós haveis de acudir-lhe.

Por quem sois, dai-nos uma loja  
Tende de nós compaixão  
Lá estaremos com as bestas  
Tirai-me desta aflição.

LUCAS

Eu dos dias que me lembro  
Com outra tal ciganada  
Não me vi tão perseguido  
A pedirem-me pousada.

Eu se não fosse de noite  
E por causar alvoroço  
Havia pôr entre *estêrvo*  
E cortar-vos o pescoço.

Ide para fora de muros  
Depressa e não devagar  
Que lá está uma cova  
Onde podeis ficar.

Se não dormi na rua  
Fora, fora canalhada  
Que não dorme em minha casa

<sup>56</sup> Por “marotos”?

<sup>57</sup>Na edição do GEFAC, o verbo “parir” aparece sempre com a perífrase “dar à luz”.

Semelhante ciganada.

JOSE

Deus Eterno piedoso  
Trino por união  
Dai-me Senhor um consolo  
Tirai-me desta aflição.

Vamos ó luz dos meus olhos  
Vamos que aqui está  
A cova, entramos nela  
Deus nos favorecerá.

MARIA

Vamos, não estejamos aflitos  
Que tudo isto será mistério  
Do Senhor que nos acudirá.

*Entram no “prezéprio” com luzes acesas.*

MARIA

Perdoai o agasalho  
Será Deus omnipotente  
Que prostrado a Vossos pés  
Vos adoro reverente.

Oh se eu tivesse tudo  
Quanto no mundo havia  
Eu tudo sem ficar nada  
Aqui vos ofereceria.

JOSE

Verbo divino, doce infante  
Amor divino, divino amante  
Amor de minha alma  
Aqui está rendida  
José Vosso escravo  
Que não tem mais que vos  
possa dar senão o  
coração e a vida.

Desejaria eu poder ter  
Todos os regalos do mundo  
Para tributá-los.

Só assim vos farei  
Para vos recostar  
Um bercinho novo  
Se vos agradar.

Se não ficais com ele satisfeito  
Perdoai, Senhor, todo o meu feito.

*Colóquio de pastores que são eles Roque, Felino e Lucas, Justo e Anjo.*

ANJO

Alvissaras, pastores  
Venho-vos anunciar  
Que nasceu o Rei da Glória  
Para vos remir e salvar.

Acordai se estais dormindo  
Desse sono tão pesado  
Que vos venho dar novas  
Que Jesus Cristo é chegado.

Despovoi as chamas<sup>58</sup>  
Ponde o gado em guarda  
Ide ver o Rei Menino  
Filho da Virgem Sagrada.

Pois esta noite nasceu  
Destruindo o pecado  
Achá-lo-eis em Belém  
Numas palhinhas deitado.

JUSTO

Ó Roque, Felino e Lucas  
Vós não quereis acordar  
Não ouvistes uma voz  
Que me fez atormentar?

ROQUE

Ora deixa-me dormir  
Não me façais cismar  
A culpa é da borracha<sup>59</sup>  
Que te fez extraviar.

FELINO

Não digas isso meu Roque  
Que eu estava dormindo  
Acordei a uma voz  
Que o mundo estava rindo<sup>60</sup>.

LUCAS

Não que o Roque é muito tolinho  
Eu ouvi com atenção  
Uma voz muito suave  
Dentro do meu coração.

---

<sup>58</sup> Por “cabanas”?

<sup>59</sup> Ou seja, do odre onde se guarda o vinho.

<sup>60</sup> Também nesta quadra, por alguma razão, parece ter-se perdido o sentido ao retirar as duas palavras que lho conferem, no final do segundo verso “dormido” e, no final do quarto, “remido”.

JUSTO

Eu mal cheguei a ouvir  
Uma voz muito suave  
Metida em uma luz  
Que me cega na verdade.

ROQUE

Eu disso nada ouvi  
Pois dormia muito bem  
Mas a sonhar estava  
Que nasceu um grande Rei em Belém.

FELINO

Em Belém percebi eu  
E também o Isaías  
Falava aquela voz  
Na vinda do Messias.

LUCAS

Meus companheiros leais  
Nada podeis *dovidar*  
É certo já ter nascido  
Quem o mundo há-de salvar.

JUSTO

Amigos, sem dilatarmos  
Vamos ver o que convém  
Que chegou o nosso resgate  
Vamos vê-lo a Belém.

ROQUE

Pois se vós estais bem certos  
Naquela voz que soou  
Encerrai o vosso gado  
E ide andando que eu já vou.

FELINO

Não é jogo de rapazes  
Só há mais que dizer  
Nós havemos de ir já todos  
E levarmos de comer.

LUCAS

Tomais meu duro conselho  
No que havemos de obrar  
Este menino é Rei  
Com ele não há que brincar.

JUSTO

Cuide cada um de nós  
Do que se há-de levar  
Que só das nossas visitas  
Pouco se lhe há-de dar.

ROQUE

Vamos por nosso caminho  
Como assim nos convém  
Se virmos que ele precisa  
Compra-se lá em Belém.

FELINO

Eu também comigo<sup>61</sup> Roque  
Sou desse parecer  
Que levemos pão e carne  
E vinho para beber.

LUCAS

Vamos lá companheiros  
Com fervorosa atenção  
Oferecer-lhe nossas almas  
Com vida e coração.

*Vão andando, diz Justo:*

Dizei-me o que pode ser  
Eu estou louco de contente  
Que um singular prazer  
Nos move assim de repente.

*Cantam os anjos.*

ROQUE

Vejo a Senhora cansada  
Não sei que coisa é esta  
Parece que vem baixando  
Toda a esfera celeste.

FELINO

Adeus amigos companheiros  
A noite parece dia  
Parece que estão saltando  
As estrelas de alegria.

*Cantam os anjos.*

LUCAS

Ora *vêde* e escutai  
Parecem coisas do Céu  
Pois ouvi que estão cantando  
Glória, in excelsis Deus.

*Cantam os pastores.*

JUSTO

Tu duvidas, tu não vês

---

<sup>61</sup> Por “amigo”.

A lapinha ao redor  
Toda cercada de anjos  
Viste coisa de mais primor?

ROQUE  
Vamos lá, amigos meus  
Vamos à sua presença  
E a cada um de nós  
Ele dará sua bênção.

FELINO  
Não poderemos falar-lhe  
Sem petição bem notada  
Pois é Rei do Céu e da terra  
E nós aqui não somos nada.

LUCAS  
Não tendes que temer  
A providência há-de dar-nos  
Se não era o Anjo  
Que vinha da pátria falar-nos.

*Cantam os anjos.*

JUSTO  
Ó meu Deus, ó meu Senhor  
Meu menino, Vós por cá  
Deixais por trevas a luz  
E quanto bem no Céu há.

ROQUE  
Isto bem mostrado está  
Ser fineza superior  
Vós deitados na palhinha  
Para livrar o pecador.

FELINO  
Pois se assim o quereis  
Faça-se a Vossa vontade  
Mas daquele que sabeis  
Peço que tenhais piedade.

LUCAS  
Eu também peço, Senhor  
Que me sejam perdoados  
Tudo por Vosso amor  
Os meus enormes pecados.

Com vista a pura dor  
Fazei que sejam chorados  
Que por vosso amor faço  
Meu coração em bocados.

*Justo oferece figos e passas.*

JUSTO  
Meu amor e meu menino  
Tremo por nada trazer  
Pois o que trago é nada  
Para a um Rei oferecer.

Estes figuinhos e passas  
Aceitai-os que é coisa boa  
Podeis crer que nem estes tinha  
Que mas deu uma pastora.

Ficai-Vos meu bem merecido  
Amor do meu coração  
Não Vos esqueçais na morte  
De me dar a salvação.

ROQUE  
Ó meu amante soberano  
Sendo vós tão delicado  
Quisestes nascer nessas palhas  
Para nos livrar do pecado.

Eu sou o pastor mais pobre  
Só tenho sopa para ir comendo  
Dai-me nesta vida pão  
E a salvação em morrendo.

Como vos vejo muito pobre  
Bem sei que sou confiado  
Aceitai este triguinho  
Que ainda foi hoje comprado.

Adeus, meu Verbo Divino  
Ficai-vos meu redentor  
Favorecei a minha alm  
Por Santo amor.

FELINO  
Quem vos pôs nessa miséria  
Ricos olhos, bela flor  
Bem sei que tenho pecados  
Meu menino, meu amor.

Oh quem tivesse riqueza  
Para Vos oferecer  
Pois me querieis dar tudo  
Sem eu Vos merecer.

Aceitai estes figuinhos  
Mais nada me acompanha  
Que para os colher à unha  
Vali-me da minha manha.

Mas quero-Vos pedir  
Que os aceitais<sup>62</sup>, Senhor  
Como dádiva de pobre  
Que é mostra de amor.

LUCAS  
Vós, Senhor, bem sabeis  
Que só venho por Vos ver  
Dádivas não tenho  
Para Vos oferecer.

Bem sabeis e conheceis  
Aquele pobre pastor Lucas  
Se o gado me não faltar<sup>63</sup>  
Dar-vos-ei lâ para umas luvas.

Eu sou muito pobrezinho  
Mas não sou enganado<sup>64</sup>  
Como estes companheiros  
Que têm um famoso gado.

E vêm-se cá pintar pobres  
Para que os façais ricos  
Mas vós que os conheceis  
Perdoai-lhes mandar os meninos.

Como na Vossa mão está  
O dar-me a salvação  
Já eu a tenho por certa  
Amor do meu coração.

*Gaspar, Baltazar e Melchior. Entrada dos Reis.  
Herodes diz para o seu Condestável.*

HERODES  
Eu ouvi uma corneta  
Que será isto? Vai ver.

CONDESTÁVEL  
Se houver novidades  
Eu venho logo dizer.

GASPAR  
Céus! Que vejo que admiro  
Que glória, que portento,  
Preciosos mistérios  
De grande contentamento.

Serás tu porventura  
A estrela que anuncia  
O tempo completo  
Da mesma *professia*.

MELCHIOR  
Pasmado estou confuso  
Cheio da mesma acção  
Por ver tudo envolto  
Dentro desta Nação.

GASPAR  
Eu sou o rei Gaspar  
Dos sábios o primeiro  
Que venho oferecer-me  
Para vosso companheiro.

MELCHIOR  
Nós havíamos de ser três  
Vejam isto primeiro  
Portanto ainda nos falta  
Outro nosso companheiro.

*Condestável do rei Herodes:*

Ali estão novos cavaleiros  
E três deles são coroados  
São monarcas estrangeiros  
Muito bem civilizados.

Todos cheios de prendas  
Com uniformes decentes  
Pelo seu trajo parecem  
Monarcas do oriente.

Que venha vossa majestade  
De tão alto nascimento  
Que a vossa linha quer  
O vosso depoimento.

Um dos três reis é preto  
E os seus *págens* também  
Que na mesma sociedade  
Juntos aos outros vêm.

<sup>62</sup> Por “aceiteis”.

<sup>63</sup> Na nossa versão nota-se que houve alguma correcção nesta palavra. Quer na edição do GEFAC quer na do Padre Firmino Martins a forma que nos aparece é “pelar”.

<sup>64</sup> Esta quadra não consta nem na versão do GEFAC nem da do padre Firmino Martins. A forma “enganhado”, significando com os dedos frios e, por extensão, uma pessoa pouco desembaraçada, que alguns dicionários registam como um provincianismo transmontano, pode denunciar que ela foi acrescentada por um autor local. Refira-se igualmente que a palavra é comum ao mirandês, na sua forma *angaranhado*.

De forma que todos juntos  
Fazem conta de nove,  
Porque seis deles são *págens*  
E os outros três são Reis.

HERODES  
Que venham à minha presença  
Pois desejo-lhe falar,  
Não seja algum estrangeiro  
Que eles que me queiram forjar.

CONDESTÁVEL  
Sua Real Embaixada  
Depressa lhe vou dar.

*Vai ao encontro do Rei.*

Que ilustres cavalheiros  
Que monarcas pareceis ser  
Ouvi a minha embaixada  
Que el-rei vos manda dizer.

Sei que estais em Judá  
No Norte bem seguro,  
O mais rico de todos  
Entre os Reis do mundo.

Vosso grande Rei Herodes  
De que vos venho falar,  
A quando de vossa vinda  
Quer-vos cumprimentar.

Prevendo ter grande gosto  
Em que vós o visiteis  
Para com ele conversar  
Nesse caminho seguireis.

Para entrar no Palácio  
Já eu vos trago licença,  
Vinde pois que eu vos conduzo  
À sua real presença.

*Entrada do rei Herodes no palco.*

Ó que honorosa pena  
Que infernal aflição  
É esta que me aflige  
E me queima o coração.

Ai de mim que me vejo  
Abrasado e perdido  
Em um fogo voraz  
Que me leva consumido.

Ai de mim que me vejo todo  
Os emolumentos tirados  
Contra mim anuncia o luzeiro  
Privar-me do meu reinado.

Pois novo luzeiro  
Que hoje apareceu no mundo  
Traz-me bem desconfiado  
Não me queiram roubar tudo.

Pois no mundo nunca houve  
A este outro semelhante  
Pois para todo o *órbe*  
Dá claridade bastante.

Ai de mim se será já  
Cumprida a *professia*  
Naquele anunciado Messias  
Que o mundo prometia.

Valoroso capitão  
Que Israel governará  
Chamado ele Messias  
Que o mundo aguardará.

Olá! Olá se acaso  
Sendo eu Rei afamado  
Nascerá em meu Reino  
Quem me tire o reinado?

Pasmado, vivo confuso  
O fogo levanta-me o coração  
Converta-se em chama de fogo  
Antes que a vida acabe.

Esses sábios letrados  
A quem tenho consultado  
Eles asseguram que o Messias  
Já era tempo de ter chegado.

Mas que posso eu dizer  
Se ele é dos meus vassalos  
Não me pode ainda que queira  
Usurpar o meu reinado.

Contra o meu forte braço  
Qual será o atrevido  
Sem temer que abata  
E o deixe destruído.

Quem seria ou será  
Que no meu solo real  
Sem ser de minha vontade  
Se atreverá a entrar?

Nada se me pode opor  
E para isto me tirar  
Vou já tomar vingança  
Sem que possa estorvar.

Pois sendo ele já nascido  
Não pode escapar  
Para o que já ordeno  
Os meninos degolar.

De dois anos para trás  
Morrerão todos por lei  
Para me vingar daquele  
Que dizem que há-de ser Rei.

*Entrada dos Reis que dão um sinal de corneta.*

HERODES  
Eu ouvi uma corneta  
Que será isto, vai ver  
Se houver novidades  
Vem-mo logo trazer.

GASPAR  
Céus! Que vejo, que admiro  
Que glória, que portento,  
Tudo precioso mistério  
De grande contentamento.

Serás tu porventura  
Estrela que anuncia  
O tempo completo  
Da mesma *professia*?

BALTAZAR  
Vós por aqui reis  
Reis e coroados  
Vosso pensamento qual é  
Onde ides vós guiados?

MELCHIOR  
Quanto gostei de encontrar  
Rei Gaspar neste caminho  
Para *discernir* convosco  
Sinais deste destino.

GASPAR  
Esse é o meu desejo  
Melchior, rei invicto  
Pois também tais novidades  
Trazem meu peito aflito.

Louve-me Deus

Me desculpe o *segrêdo*  
Onde nasceu o menino  
Que anuncia a estrela?

GASPAR  
Baltazar diz muito bem  
Porque a estrela que nos guia  
Mostra o tempo completo  
Que assegura a *professia*.

MELCHIOR  
Pois que a estrela nos mostra  
O caminho desta dita  
Não percamos a viagem  
Que Deus tal não permita.

BALTAZAR  
Vamos Reis e camaradas  
Oferecer ao Messias  
Ouro, prata e mirra  
De nossa monarquia<sup>65</sup>.

*Condestável do Rei Herodes.*

HERODES  
Que é isto, ai de mim  
Que *luminaria* ardente  
Pois nunca os meus olhos viram  
Uma estrela tão brilhante.

Olá, o que é isto agora  
Quem nos vem cometendo  
Isto é coisa de novo  
Segundo o que vou vendo.

Suspendei os vossos passos  
Não moveis em si o pé  
Sem me dizerem primeiro  
Cada um de vós quem é.

GASPAR  
Duquíssimo souberam<sup>66</sup>  
Portento Rei de Judá  
Às suas ordens estamos  
O que pretende dirá.

Sim vos diremos quem somos  
Se é da vossa vontade  
Pois conhecemos em vós  
Sinais de *magestade*.

---

<sup>65</sup> Na nossa versão lê-se: “O nostra Monarquia”.

<sup>66</sup> Por “soberano”.

Somos lá do oriente  
Estes três poderosos reis  
Vamos ver outro monarca  
Que é o Rei de todos os reis.

*Anciosos* o buscamos  
Para o adorar e ver  
Que dizem que há poucos dias  
Em Belém foi nascer.

MELCHIOR  
Rendido a vossos pés  
Vos imploramos perdão  
Que nos deixeis ir em paz  
Onde é nossa intenção.

HERODES  
Já poucos milhares vos faltam  
Mas quero-vos procurar  
Quem vos deu a confiança  
De no meu reino entrar?

MELCHIOR  
Nós viemos do oriente  
Por uma estrela guiados  
Visitar o Rei dos Reis  
Destruidor do pecado.

Sincero acizo Bilor<sup>67</sup>  
Arribatero ribareso  
Se nos no nele nessa  
Nera otro camarrara.

Noso temem reis rês  
Bem poderosos e soberanos  
Pero nó és paraben  
Tirar curto és camino.

GASPAR  
Já se sabe em todo o mundo  
E no oriente também

Que nascera um grande rei  
Na cidade de Belém.

Saiba vossa *magestade*  
Que é fora do arvoredo  
A nossa fiel companheira  
Nos espera em *segrêdo*.

BALTAZAR  
Certo, meu aroso<sup>68</sup>  
Que é o nosso destino  
Que nos deixeis passar  
Para ir ver o menino.

HERODES  
Embaraçar-vos não pretendo  
Nem vos quero despersuadir  
Vossos intentos sinceros  
Que ides discernir.

Mas eu sim me admiro  
De a estrela se acender  
Aos meus e vossos olhos  
Sem já mais aparecer.

Por isso eu duvido  
Se deixem ser comidos  
Dessas grandes feras  
Que no monte estão escondidos.

MELCHIOR  
Não há que temer esses brutos  
Lá do alto império  
Nós vamos já contra eles  
Como é o nosso *segrêdo*.

HERODES  
Segui vossa jornada  
Pois esse é o meu desejo  
Que eu vos ofereço o meu reino  
Cidades e aldeias. Vereis o menino  
Este é o meu desejo depois de o  
Achar por aqui haveis de voltar  
Dizer-me onde está para eu o  
ordenar<sup>69</sup>.

BALTAZAR<sup>70</sup>

---

<sup>67</sup> Na edição do GEFAC estas duas estrofes são atribuídas a Baltazar e, de facto, assim deve ser. Com efeito, este rei é referido, quer nos Evangelhos canónicos, quer nos apócrifos, quer na iconografia, como “índio”, “negro” ou mesmo “mouro”. Por isso, a sua linguagem aparece deturpada ou muitas vezes pretendendo ser criptada. É possível que desta forma se pretenda estabelecer uma ligação com outro Rei, também chamado Baltazar, que encontramos no Antigo Testamento, no Livro de Daniel, quando este profeta é chamado a decifrar um enigma que apareceu escrito nas paredes do palácio real.

---

<sup>68</sup> Compreende-se que é uma deformação da palavra Herodes, colocando assim na boca de Baltazar uma linguagem estropiada.

<sup>69</sup> Por “adorar”.

Por certo meu Aroso<sup>71</sup>  
Que nós havemos de voltar  
Trazer a notícia  
Que por nós lá passar.

HERODES

Ai de mim que mandei  
Os meninos degolar  
Agora ainda me afirmam  
Que esse há-de ficar.

Anunciam os mais reis  
Que devo ter obediência  
Que me vem tirar a vida  
Sem a mais leve sentença.

Vamos lá ó meus vassalos  
Façamos esta partida  
Antes que seja maior  
Vamos-lhe tirar a vida.

ANJO

Ó Gaspar, ó Melchior  
Baltazar, reis coroados  
Que vindes do oriente  
Por uma estrela guiados.

Não passeis mais adiante  
Que aqui está quem buscais  
O rei de todos os reis  
Num presépio de animais.

Entregai vossos cavalos  
Aos criados que trazeis  
Vinde já sem demora  
Adorar o rei dos reis.

Assentai-vos nesse trono  
Por mim preparadinho  
Para *descançar* um pouco  
Das fadigas do caminho.

Assentai-vos sossegados  
Um pouco a *descançar*  
Enquanto eu vos declaro  
Como o haveis de adorar.

Vós nascestes em palácios  
Adornados com grandeza

Achareis o vosso rei  
Nascido em grande pobreza.

A cabana é pequena  
Não cabeis lá todos três  
Ide a adorar o menino  
Cada um por sua vez.

*Oferece o rei Gaspar.*

GASPAR

Alto Rei Senhor Supremo  
Sempre a obra infalível  
Em que o homem discurse  
Nos mostrais *imparcível*<sup>72</sup>.

Homem que Deus juntamente  
A fé nos patenteais  
*Sufrendo* o rigor do tempo  
Nesse presépio estais.

Assim que tive notícia  
Do vosso feliz nascimento  
Logo a minha alma se encheu  
De grande contentamento.

Vós sois o penhor seguro  
Da nossa felicidade  
Para que eu logre venturas  
Sofreis vós calamidade.

Aceitai, meu Deus menino  
Desta Divinante mão  
Esta pequena oferta  
Mas grande do coração.

O meu desejo era dar-vos  
Um preço tão importante  
Que fosse suplantado  
Ao mais rico diamante.

Eu vos ofereço ouro  
Inspirado pelo Céu  
Desde já vos reconheço  
Sereis o rei dos Judeus.

*Oferece o rei Melchior.*

MELCHIOR

Aqui Vos vem visitar  
Oh! meu rei onnipotente  
O vosso servo indigno

<sup>70</sup> Como se pode conferir pela edição digitalizada, esta quadra, certamente por lapso, continua atribuída a Herodes.

<sup>71</sup> Cf., *infra*, nota 68.

<sup>72</sup> Por “imperceptível”.

Que quer o Oriente.

Sinto ver-vos pobrezinho  
Em lugar tão desprezado  
Bem conheço ser mistério  
Para nos livrar do pecado.

Peço, Senhor, me aceitais  
Pois que vós tudo me dais  
O resto dos meus tesouros  
Que é o maior dos mortais.

Eu tudo vos quero dar  
Mas quero em recompensa  
Depois de acabar a vida  
Ver-me na vossa presença.

Eu vos ofereço incenso  
Que subirá até ao Céu  
E por tal vos reconheço  
Sereis o verdadeiro Deus.

*Oferece o rei Baltazar.*

BALTAZAR  
Salindo ó del oriente  
Trece dias de caminho  
Guiado por uma estrela  
Em busca do Deus Menino.

E encontrei mais companheiros  
Ao gantar-los caminos  
Depois el-rei Aroso  
Ainda nos teve impedidos.

Eu vos ofereço mirra  
Que é tesouro dos mortais  
Reconheço Diós *ehumbre*<sup>73</sup>  
Entre estes animais.

Adiós mi rei e Senhó  
Vou alegre e contente  
Publicar a vosso vinda  
Nas terras del oriente.

*Aqui vem o Anjo com doces e vinho para os reis.*

ANJO

Trago-vos esta refeição  
Em sinal de agradecimento  
Que por Deus foi enviado  
Para o vosso alimento.

Vós sois servidos à mesa  
Por um anjo enviado  
E vós servireis também  
A cada um dos vossos criados.

GASPAR

Por um anjo do Senhor  
Fomos servidos à mesa  
Pedindo ao menos que seja  
Sempre a nossa defesa.

*Montam-se cavalos em direcção a Herodes.*

---

<sup>73</sup> Nota-se nestas duas quadras um esforço para “corrigir” a linguagem do rei Baltazar. Porém, esta forma não foi “corrigida” possivelmente por desconhecimento. Nas outras versões que vimos seguindo, a linguagem destas duas estrofes também se aproxima do castelhano pelo que aqui se dever ler “y hombre”, ou seja, “e homem”.

## AUTO DA CRIAÇÃO DO MUNDO

REALIZOU-SE ESTA COMÉDIA, A QUAL FICOU MUITO BEM REPRESENTADA,  
EM 4 DE MAIO DE 1924.

### INTERPRETES

António Manuel Preto .....	ANJO
Frutuoso Augusto Calvo .....	PROFETA
António Manuel Malhado .....	ADÃO
António José Guerra .....	EVA
Adriano Joaquim Preto .....	CAIM
Lázaro Alves .....	SETE
Francisco Pires .....	ABEL
Francisco Manuel Parra Remédios .....	LAMEQUE
António dos Santos Oliveira (filho) .....	LUSBEL
Ernesto Pinto .....	INVEJA
Francisco da Ferreira .....	VULCANO
José Vitorino Alves .....	SILVESTRE
Albino Casimiro .....	NARCISO
José Fitas .....	JÚLIA
António Bento .....	REBECA
Martinho Barroso (?) .....	BELISA
José António Cangueiro .....	SIMÃO
Manuel António Guerra .....	NOSSA SENHORA
António dos Santos .....	S. JOSÉ
José Vitorino Luiz (Ferreiro) .....	PASCOAL
Francisco Manuel Fernandes .....	ROQUE
Manuel Joaquim Casimiro .....	BATO
Alípio Carreiro .....	SANTA ISABEL
Miguel dos Reis Jacob .....	ZACHARIAS
António Morete .....	JORGE
Francisco Marcos .....	JACOB
António Monteiro .....	LUCAS
Manuel Barrios .....	JUSTO
Manuel Santos .....	FELINO
António Casimiro .....	LUCAS
Francisco Inácio Calvo .....	REI HERODES
Serafim dos Anjos Gonçalves .....	EMBAIXADOR
Frutuoso Augusto Calvo .....	REI GASPAR
Francisco Pinto .....	MELCHIOR
Aníbal Fernandes .....	BALTAZAR
António dos Santos .....	VASSALO DO REI GASPAR
Manuel José Currealo .....	VASSALO DO REI BALTAZAR
Manuel Fernandes .....	VASSALO DO REI BALTAZAR
Ernesto Pinto .....	VASSALO DO REI BELCHIOR
Gonçalo Moleiro .....	PADRE ETERNO
Salustiano Augusto Ovilheiro .....	PREGOEIRO

NOTA

*Esta comédia é muito exemplar. Está fundada na História Sagrada é tanto que durante a representação assistiram alguns padres.*

*Deu-se um barulho causado pelos de Brunhozinho ao meio da comédia. A Guarda Nacional Republicana de Miranda do Douro, a de Infantaria de Bemposta acabaram com o barulho imediatamente. Depois do fim, quando os ocupantes estavam a jantar, os ditos acima com ditos de barra com o Jorge de Vila Chã, pegaram à pancada, nessa altura também a Guarda estava a jantar, chegaram ali 4 ou 5 de Urrós, e resistiram com os de Brunhozinho, quando a Guarda veio já um dos Brunhozinho, tinha sete buracos na cabeça.*

*Foi preciso vir o médico de Miranda.*

*Eu que isto presenciei, sendo o regente da comédia.*

*Urrós 4 de Maio de 1924*

*Todo este livro é por minha mão*

*Salustiano Augusto Ovilheiro.*